FON FON
ANNO XXV —— N.° 19
Rio, 9 de Maio de 1931
—— PREÇO: 1$000 ——
MC. 931

Tambem eu!

—COMO sou costureira estou acostumada, em tudo na vida, a **não dar ponto sem nó.** As minhas cautelas são, porém, muito maiores nas cousas em que estão em jogo a minha saude, que é o unico patrimonio das moças pobres e... casadoiras.

...Por isso nem minha mãe, nem minhas irmãsinhas nem eu, tomamos para qualquer dôr, nada que não seja a admiravel

CAFIASPIRINA

Algumas vezes já tem acontecido offerecerem-me outras cousas, com o engodo de que custam menos... como se a CAFIASPIRINA não estivesse ao alcance de todas as bolsas e eu fôra tão tola de arriscar a nossa saude para poupar-me uns miseraveis nickeis!

Se é BAYER é bom

Muitos annos de experiencia o tem provado sobejamente.

TODO o mundo tem esta mesma confiança cega na CAFIASPIRINA, porque nada mais seguro para dores de cabeça, dos dentes e dos ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, consequencias dos excessos das bebidas alcoolicas, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija sempre a **Cruz Bayer.**

O CONTO BRASILEIRO

Um conselho a D. Juan

Sala luxuosa. Sofá e poltronas amplas e macias. Ao centro, uma mesinha. Sobre ella, bronzes e um vaso de porcellana atulhado de flôres. Flôres modernas, de madreperola. A um canto, numa columna, uma esculptura de Brecheret. Ella, vinte e poucos annos, belleza loura, esbelta, nervosa, está passeando de um lado a outro da sala, fazendo esvoaçar os "godets" do seu vestido de "mousseline" azul. Elle, trinta e poucos annos, alto, espadaúdo, elegancia apurada, lembrando certos desenhos de Marcello Roberto, está rentado a um canto do sofá, e segue com os olhos os seus movimentos nervosos.

Crepusculo.

Elle (*desconfiado, num tom meigo, de quem receia uma colera junta*). — Está zangada? Por que?

Ella (*com indifferença*). — Não...

Elle. — Então, si não está zangada, venha sentar-se aqui, junto de mim.

(*Ella para. Reflecte. Depois, encaminha-se para uma poltrona á sua frente, e senta-se*).

Ella. — Para que? Vae fazer-me alguma confidencia?

Elle (*fingindo admiração*). — Eu?! Si algum de nós tem uma confidencia a fazer, é você. Ainda não disse claramente que me ama.

Ella (*imitando-o*). — Eu?! Pois si algum de nós tem uma confidencia a fazer, eu acho que é você. Não foi eu que, hontem, á tarde, passeou pela Avenida, á frente de todo o mundo, com um certo "aplomb", a belleza um pouco "faisandé" de uma das nossas artistas mais em voga. (*Com ironia*) A sua attitude dir-se-ia até a personificação daquelles versos de Bilac:

"Peixa que o olhar do mundo em-
[fim devasse
Teu grande amor, que é teu maior
[segredo!
Que terias perdido, si, mais cedo,
Todo o affecto que sentes se mos-
[trasse?

Basta de enganos! Mostra-me
[sem medo
Aos homens, affrontando-os face
[a face!"

Elle (*interrompendo-a*) — Maria Helena, não seja ironica! Você não póde comprehender essas coisas... E' differente...

Ella (*num tom desalentado*). — E' verdade, não posso comprehender...

(*Depois de uma pequena pausa, ella cruza os braços sobre a mesinha, e mette nelles a cabeça. A attitude é de quem chora*).

Elle (*commovido*). — Não faça isso... Você é tão sensata, e, de repente, age como si fosse uma criança... Não chore. Os homens são todos assim... Foi uma leviandade de minha parte, que nunca pensei tivesse outra consequencia que a de deslumbrar os tolos da Avenida... E, afinal, a culpa é toda sua. Não a suppunha na rua numa tarde fria assim. Julgava-a aqui, no aconchego deste salãozinho, entre os seus objectos de arte, tomando a sua chavena de chá, ou lendo o livro de Maeterlinck, que lhe trouxe. (*Ha um silencio, em que elle espera que ella o insulte, o injurie. Ella continua, porém, a mesma attitude. Elle, então, levanta-se, e encaminha-se para a janella. Abre-a. Depois, virando-se para ella, tenta gracejar, para distrahil-a.*) Olhe, venha ver a Light pondo reticencias de ouro no quadro negro da Noite... Não é assim que diria um desses poetas futuristas que você tanto gosta? (*Impaciente.*) Vamos, acabe com isso... Eu nunca pensei que você fosse capaz de uma scena de choro assim! Isto é ridiculo! Você sabe que a amo, Maria Helena... Amo-a mais que a minha liberdade, mais que tudo nesta vida... Não me faça agora repetir, como um collegial, todos os logares-communs das declarações... Vamos, levante a cabeça. Não chore mais... Sabe, os seus olhos vão ficar feios... vão ficar mesmo muito feios!

(*Ella levanta a cabeça. O rosto está enxuto, illuminado por um sorriso franco, alegre, brejeiro*).

Elle (*num tom de admiração e desapontamento*). — Ah!... Pensei que estivesse chorando!... Não guarda, então, resentimento algum contra mim?! Perdôa-me?!

Ella. — Sim, de coração.

Elle (*num arrebatamento, triumphante, tomando-lhe as mãos*). — Eu sabia, Maria Helena... Dizem que as mulheres intellectuaes differem das outras. Differem, sim, porque são superiores... Eu sabia que havia de comprehender-me... Depois, eu tinha confiança na sua bondade nunca desmentida, e no seu amor por mim, que vejo claramente nos seus lindos olhos...

Ella (*retirando as mãos, e tornando-se seria*). — Não, não é questão de bondade, nem de superioridade... Em amor, todas as mulheres, quer sejam humildes, quer sejam nobres, quer vulgares, quer superiores, são sempre iguaes... E' que nunca estive tão longe de amál-o, meu amigo, como neste instante. Ao que você chama simplesmente a sua "leviandade", eu devo a certeza da natureza dos sentimentos que me inspira. E' a verdade de uma velha phrase que acabo de certificar. Admiro-me que você não a tenha verificado na sua longa experiencia de D. Juan irresistivel. Mas, como prova de que não guardo resentimento algum contra você, vou citar-lha para que a aproveite mais tarde nas suas aventuras: "Quando a mulher perdôa, é porque não ama"...

Cyrino Vaz

MINHA FILHA

Conto de MARIO TREVO

— Eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso que vinga a iniquidade dos paes nos filhos até a terceira e quarta geração daquelles que me aborrecem — BIBLIA — EXODO.

FOI no tempo da nossa primeira Republica. O Rio de Janeiro estava em pleno verão. Um calor intenso, desses que suffocam o carioca no mez de dezembro, abrazára durante todo o dia e continuava através da noite. Eram mais ou menos vinte e duas horas. A praia do Flamengo, no trecho comprehendido entre o jardim do Cattete e a rua Paysandú, formigava de gente. Dir-se-ia que todos os moradores da circumvizinhança haviam sahido de casa para sorver ali um ar mais puro. Que lindas moças! Que olhares tentadores! E, emquanto *flirtavam*, com que graça saboreavam o delicioso sorvete! Eu passeava na companhia do dr. Assis, um senhor idoso, viuvo que conheci em Fortaleza do Ceará, numa festa do Club dos Diarios.

O dr. Assis é o que, á primeira vista, o vulgo denomina de homem feliz. Não sei si o era, effectivamente. Filho de abastada familia paulista, concluira os seus estudos na Escola Polytechnica sempre com os bolsos fartos de dinheiro. Dinheiro talvez do povo. A situação politica que do pae herdára, permittiu que o governo lhe arranjasse facilmente, logo após a sua formatura, um emprego rendoso em certa estrada de ferro. Posteriormente, um casamento faustoso melhorou, ainda mais, a sua situação economica, já invejada pelos amigos e cubiçada pelas moças nubeis.

O nascimento da primogenita trouxe-lhe a viuvez onze mezes depois do enlace. Criou a filha com os maiores desvellos; educou-a para viver numa sociedade, num mundo estranho a este em que soffremos. Para livrál-a do convivio pernicioso de certos educandarios femininos, sua instrucção lhe foi ministrada particularmente, em casa, por professores de renome.

Durante a viuvez, o dr. Assis jamais procurou contrahir novas nupcias. Sua vida, levou-a toda entregue aos affazeres do cargo e aos da educação da criança, a quem idolatrava. Era o que se póde chamar na vida social — um homem de linha. Ninguem o excedia em polidez. Além do trato maneiroso, possuia outros predicados que o tornavam querido das mulheres: — a sua elegancia impeccavel e o seu galantear erudito e cortez. As mulheres constituiam o seu lado fraco. As saias, fossem as suas donas bellas ou não, dominavam-no com qualquer sorriso promissor. Seu amor tinha a vida das borboletas azues.

Passeando pela praia, onde as palmeiras alinhadas, com seus leques verdes, abertos para o negrume estrellado do infinito, imploravam, do vento, a caricia de um beijo, nos distanciámos do Hotel Central. Continuámos a nossa marcha, como si nos dirigissemos para Botafogo.

A estatua garbosa e varonil do azteca, aos nossos olhos, apparecia com toda sua belleza artistica, e, ao chegarmos nas suas proximidades, em vez de proseguirmos nosso passeio pela avenida, preferimos contornar o Morro da Viuva, afim de apreciarmos o reflexo da illuminação nas aguas inquietas da Guanabara. Antes, porém, de rodearmos o morro, ricas baratinhas, ali estacionadas, attrahiram os nossos olhares, que viram dentro dellas, despercebidos do mundo, muito aconchegados, em doces caricias, jovens namorados. Vendo-os, sentindo inveja daquella felicidade, não me contive:

— Este Rio é um paraiso, dr. Assis.

— E tambem um inferno, meu caro.

— Por que? A vida resume-se no amor...

— E' razoavel que pense assim...

— O Rio é a terra das mulheres chics e o amor só é bom...

— Quando o fructo é prohibido.

— Justamente.

— E justamente por isso considero o Rio como inferno. Você ainda é moço; não é casado; tem razão de pensar assim. Para você, a vida resume-se na alegria. Esta, porém, que lhe custa pr[e]liminarmente uma sess[ão] de cinema, um chá n[o] Paschoal ou um passeio pelo Sylvestre, quanta[s] lagrimas não produz n[ou]tros?

— Mas...

— Casar-se com mulher que tenha o espirito saturado de idéas oriundas deste meio, é arriscar-se a soffrer mil dores moraes. O Rio, meu amigo, com a sua população densa e cosmopolita, com a sua luta intensa pela vida, é a perdição do caracter feminino.

— Ha, todavia, excepções...

— Sim. E foi por tal[?] que dei á minha filha a melhor educação que uma joven possa receber. Tenho orgulho de dizel-o: minha filha faz excepção a essas moças da sociedade elegante que não têm pejo de passear de automovel, a estas horas, so[zinhas], na companhia de noivos.

• • •

Passam-se tres ou quatro annos.

O vagonete do Pão de Assucar descia lentamente em direcção da Urca, quando, desviando minha vista do panorama da parte central da cidade para o lado opposto — de Copacabana e Leblon — pousei-a alguns instantes nos olhos côr de onyx de uma senhora, ainda muito joven, cuja presença, até então, me fôra despercebida.

Chegando á Urca, sa[l]tei e dirigi-me para o restaurante. A moça, em companhia de outras, foi passear nas alamedas sombrias.

O sol despejava a sua luz sobre a cidade. O telhado do casario apparecia lá em baixo, através das vidraças das janellas. Nenhuma nuvem turvava os seus raios, nem manchava o horizonte, a não ser tenues farrapos acinzentados muito distantes, para os lados da ilha de Paquetá.

Tomando o meu sorvete, agora mais lentamente, porque ella havia ingressado no salão

(Cont. na pag. seguinte)

AS RUGAS

(Parodia a "As pombas" de Raymundo Corrêa).

Surge a primeira ruga sem piedade,
Surge outra mais... mais outra... emfim dezenas
De rugas surgem numa face, — apenas
Foge, tristonha, a nossa mocidade...

E á noite, quando temos a liberdade
De passear, — as rugas, sempre amenas,
Em nossa face como as açucenas,
Reflectem já dizendo a nossa edade...

Tambem do nosso cerebro, aos punhados,
Vão sahindo remedios planejados
Para acabarem rugas, e jamais

Conseguem: voltam pois, logo soltam,
Mas, com outro remedio as rugas voltam;
Com o RUGOL não voltam nunca mais.

A CONSULTA

COMO eu via que elle movia os labios e não pronunciava uma só palavra, interrompi seu solliloquio:

— Que se passa com o senhor?

— Pensava no que acaba de occorrer-me.

— E que parece que o preoccupa.

— E tanto! Venho do consultorio de um medico.

— Está, então, enfermo?

— Eu?... Nunca!

— Então?

— Verá o senhor. A's tres em ponto, apresentei-me no consultorio do celebre doutor Morticolus, e, como eram horas de consulta, o criado me disse:

— Vou fazel-o entrar immediatamente, porque, uma vez começada a consulta, não o receberá.

Faz-me entrar, e eu me vejo deante de um senhor calvo, sentado junto á mesa. Depois de cravar em mim seus olhos que brilhavam na sombra de suas sobrancelhas espessas, voltou a afundar-se na leitura dos papeis que tinha á sua frente, e eu esp-rei, em silencio, que elle terminasse.

De repente, aquelle homem levanta-se, de um sa- como que movido por uma mola, e, com voz au- ritaria, me ordena:

— Estenda-se nesse divan.

— Mas, doutor...

— Cale-se! Não peço nunca explicações a me- enfermos. Tenho bastante idade e pratica para sa- ber o que elles têm.

Achei graça naquillo. E obedeci, deitando-me divan.

O doutor inclinou-se sobre mim, auscultou-me, cutou as pulsações de meu coração, reconheceu- o estomago, o figado, fez-me mover as articulaçõ- pediu-me que pronunciasse cinco vezes a pala- *anticonstitucionalmente*, depois se interessou que faziam meu defunto pae e minha defunta consultou-me acerca de todos os individuos de

MINHA

(CONC

restaurante, eu apreciava o seu corpo seductor, que os meus olhos cobiçosos despiam. Essa profanação não lhe passou despercebida.

Uma alliança, na mão esquerda, enchia-me de curiosidade. Que significaria? Seria mesmo casada? Apesar de iniciado o nosso *flirt*, nada lho podia falar naquella occasião. Saltando na estação da Praia Vermelha, entreguei-lhe, furtivamente, o meu cartão, que ella recebeu com um ligeiro sorriso desabrochando nos seus labios carminados.

No dia seguinte, pelo telephone, combinámos um encontro na Galeria Cruzeiro. Lina — assim se chamava, não faltou; foi pontual. Para conversarmos á vontade, fomos a um cinema. E alli disse-me que era casada, que o marido viajaria na semana seguinte para S. Paulo, onde se demoraria cerca de dois mezes; que ella permaneceria no Rio porque não queria deixar deshabitado o seu *bungalow* no Sylvestre, que o esposo viria passar os domingos a seu lado.

Casára havia dois annos. Não tivera filhos

Isso não contribuia que não o estimasse xára de amal-o no que o encontrára sua propria casa do uma sua amiga ve escandalo do mas os preconceitos ciaes a obrigaram a

De Fernando Sernada

...ha familia, mas com tanta meticulosidade, que por um momento suppuz que la estabelecer graphicamente minha arvore genealogica.

Afinal, depois de fazer-me andar de quatro pés, olhou-me e disse-me:

— O senhor não tem nada; nem a menor enfermidade. Todos os seus orgãos estão em perfeito estado. Agora, pergunto-lhe: por que veiu procurar-me?

Eu sorri, e respondi:

— Muito obrigado, doutor, pelas bôas noticias que acaba de dar-me, embora já suspeitasse eu de que não estava enfermo. Vim trazer-lhe, para que a assigne, a caução do seguro contra incendios que o senhor contractou.

O medico empallideceu, e disse:

— Não podia o senhor tel-o dito antes?

— O doutor não me deu tempo para isso.

— Sabe que em meu consultorio a consulta custa duzentos francos?

— Creio; mas confesso-lhe que não tenho nem os cinco primeiros francos dessa bella quantia.

— Já o supponho... Bem: dê-me essa caução, para que eu a assigne.

Tirei do bolso um papel, e disse-lhe:

— O senhor tem que firmar aqui, a menos que prefira assignar esta outra caução, em logar da primeira.

— Que differença ha?

— Já que o senhor me examinou gratuitamente, por engano, vou dar-lhe um conselho, doutor. Si vão enganal-o, fal-o-ão firmando o senhor qualquer das cauções. Mas com a segunda lhe custará menos caro.

— E elle firmou a segunda?

— E ainda me agradeceu. Mas, o melhor do caso é que, como na primeira não houvera a minha intervenção, eu não tinha commissão, emquanto que, na segunda, que firmou a conselho meu, ganhei quinze por cento...

FILHA

...usão)

...tinuar a vida em com-... Ambos guardaram ...soluto silencio sobre o ...so. E continuou a ami-... do seu lar, que aos ... se foi asseme-... muitos outros ... pela cidade.

...intelligente, vivaz, bo-... e de amor proprio ...exagerado — era Lina ...mento, até ali. A sensualidade dominava os seus nervos ardentes; mas, coisa original, não se revelava aos extranhos, nem pela sua physionomia, nem pelos seus gestos. Dir-se-ia uma dessas mulheres nascidas especialmente para a vida familiar. O esposo, no emtanto, não soube comprehendel-a. E assim, mais tarde, sem levantar a menor suspeita, ella profanava o lindo ninho de amor que o marido, durante a embriaguez do noivado, mandára construir.

* * *

Convidado certa vez pelo dr. Assis, fui assistir, em seu palacete das Laranjeiras, a uma audição de piano, com que festejava o anniversario da filha, a quem eu não tivera ainda o ensejo de conhecer.

Quando ali cheguei, a casa estava cheia de convivas. O dr. Assis, com a sua cortezia captivante, apresentou-me a diversas pessôas das suas relações; e, não satisfeito, procurou tornar-me conhecido da sua familia.

— Agora, disse-me elle, venha ver minha filha.

Fomos. E, chegando no outro salão, dirigindo-se a uma das varandas, onde um casal contemplava o jardim illuminado, chamou, com paternal affecto:

— Minha filha!

O casal voltou-se immediatamente.

A mulher era Lina...

FILHO CONTRA PAE

NAQUELLE dia, Maria Alice entrou no escriptorio do Banco de Credito Real com a alma estrangulada por acerbas desillusões. Acabava de ser expulsa do lar paterno como si fôra um cão leproso. Seus paes tinham ouvido a confissão completa do passo errado que déra com Dalmo Dantas, o filho estroina do director daquelle estabelecimento de credito.

No verdor das suas dezesete primaveras, ignorando ainda as falsidades que enfeitam o mundo, tivéra a fraqueza de render-se ao assédio do gerente do banco, seu chefe e herdeiro de invejavel fortuna.

Dalmo Dantas abusára criminosamente da sua posição e influencia poderosa, para, dando pasto aos seus instinctos bestiaes, atirar ao pantano da desgraça aquelle lirio tão precocemente roubado ao pendão da familia.

Maria Alice, não havia muito, deixára os livros e os brincos para ir trabalhar, sendo, por isso, apanhada de surpresa na inexperiencia da sua pouca idade.

Ao penetrar na secção em que funccionava, veiu-lhe ao encontro um continuo.

— O director deseja falar-lhe, senhorinha.

— A mim? — respondeu a moça, com surpresa.

Era a primeira vez que o director a chamava.

— A senhorinha mesma — confirmou o empregado, meneando a cabeça.

Momentos após, no gabinete do dr. Homéro Dantas:

— O doutor deseja falar-me?

— Sim, senhorinha. Queira sentar-se — disse o director, olhando-a fixamente e depondo a penna. — O senhor seu pae telephonou-me esta manhã, relatando um facto bastante grave a seu respeito...

— ... e a respeito de seu filho — interrompeu a joven.

— Já falei com meu filho. A senhorinha é a unica culpada do seu erro. Si se tivesse entregue exclusivamente aos seus affazeres no escriptorio, si houvesse dispensado mais attenção aos trabalhos que lhe têm sido confiados, estaria livre de tantos aborrecimentos, agora.

— Isso é uma infamia, dr. Dantas! O senhor procura torcer a verdade para innocentar seu filho! — disse a pobre moça, desfeita em lagrimas. — Elle perseguiu-me desde o dia em que fui admittida ao seu serviço. Ponderei-lhe muitas vezes que não devia insistir. Disse-lhe que não acreditava no seu amôr, em razão do nosso nivel social. Mas tudo foi em vão, porque promettia sempre casar commigo. Acreditei, afinal, nas suas juras, e fui arrastada ao erro.

Não sou culpada, doutor!

— Deixemos de sentimentalismos. Vamos á realidade. Resolvi dispensál-a do cargo que exerce nesta casa por ter-se incompatibilizado com o meio. Entretanto, a senhorinha terá que reconhecer a minha generosidade, pois que vou presenteál-a com um cheque de dez contos de reis. E' o ponto final a esta contenda, para evitarmos um escandalo, que seria de consequencias desastrosas para o Banco. Queira acceitar o cheque.

Maria Alice empallideceu, apanhou o papel verde, e, atirando-o á face do banqueiro, disse:

— Guarda o teu dinheiro, miseravel! Guarda tambem o filho indigno que possúes, e que é bem o teu retrato! Não vendi a minha honra! Roubaram-m'a!

Proferindo as ultimas palavras, retirou-se do gabinete do director, ganhando immediatamente a rua.

Sem emprego e sem tecto, joven e inexperiente, Maria Alice esteve a pique de perder a razão.

Perambulou pela cidade quasi todo o dia, olhos abertos, sem nada ver, completamente desorientada.

Vencida pela fraqueza e pelo abatimento moral, cahiu desfallecida á porta de uma modesta moradia. Acolheu-a a dona da casa, uma senhora tolerante e conhecedora das miserias do mundo. Tratou-a com carinho verdadeiramente maternal e ajudou-a a restabelecer-se do rude golpe que soffrêra.

* * *

ERA uma bella manhã de ... A natureza sorria e a ... cidade parecia penetrar ... dos os corações.

Maria Alice deixava a Maternidade Central, levando nos braços um lindo rebento de sua ... moça e morena. Sentia um misto de alegria e mêdo. Era a incerteza do amanhã que a torturava. Sua vida, agora, lhe não pertencia, porque devia zelar pela do pequenino sêr.

No auge do desespero, estonte...

E U

Eu sou um pobre pescador tristonho
Que ama viver na solidão do mar...
Durmo nas praias sobre a areia, e sonho
Ouvindo os corações que vagam no ar.

Era um delles talvez que ouvi, supponho
Em noite calma e fresca de luar
Em tom, ora choroso, ora risonho
Cantava sempre uma canção sem par.

Em sua vóz de claras harmonias
Havia queixas, magoas, agonias
E os lamentos das tréguas hediondas...

E sua vóz ficou cantando, calma,
Ficou cantando dentro de minh'alma
No sonoro gemer da vóz das ondas...

MIGUEL PACHECO

de Carlos Ramos

da em meio ao borborinho da "urbs", Maria Alice, mais uma vez, procurou a casa de d. Graziella, a mesma senhora que a havia soccorrido tempos atrás.

Foi a propria senhora que a attendeu:

— Oh, Maria Alice, que surpresa! E' seu filhinho?

— Sim, d. Graziella. Acabo de retirar-me da Maternidade Central e venho procural-a como um naufrago procura a terra salvadora.

— Que é que ha, Maria Alice? Alguma nova desgraça? — perguntou a bondosa senhora, meio surpresa.

— Talvez isso, d. Graziella. Não tenho recursos para viver com meu filho. Terei que procurar trabalho para ganhar o pão negro da vida.

E, após um descanso:

— Desejava que a senhora tomasse conta da criança emquanto vou tentar a vida por esse mundo a fóra. Pagar-lhe-ei generosamente, ou na medida das minhas forças, tudo o que fizer por meu filho.

Estas palavras, arrancadas do fundo da alma, eram ungidas das sentidas lagrimas de uma mãe inditosa.

— Oh Maria Alice! — disse com emoção a dona da casa. — Jámais poderia negar-te o que me pedes. Ademais, não tenho filhos e essa criança parece ter vindo do céo para os meus braços. Pódes deixal-a entregue aos meus cuidados. Preoccupa-te somente com a tua vida.

No dia seguinte, a joven, premida pela miseria, foi procurar o gerente de um "dancing", que, havia tempo, lhe offerecêra uma collocação.

Acolheu-a com surpresa e alegria o gordo gerente, que tratou de apresental-a aos seus clientes e ás "danseuses" que de então para deante seriam suas companheiras.

Os parcos rendimentos que percebia não lhe permittiam viver com independencia. Foi, por isso, insensivelmetne deslisando para o plano das outras raparigas que dançavam para conquistar as bôas graças dos homens.

Um dia, em meio aos vapores estonteantes do alcool, no ambiente enfumaçado do "dancing", acceitou a proposta de um estrangeiro para com elle ir viver em S. Paulo. Na esperança de se rehabilitar e poder levar o filho para junto de si, partiu em companhia do desconhecido.

Mais uma vez, o destino lhe fôra cruel. Em chegando naquella grande cidade, foi levada, pelo typo que a illudira, para uma pensão de mulheres, na rua Senador Euzebio. Era o captiveiro branco.

Maria Alice não teve forças para reagir. Sentia-se como que hypnotizada por aquelle monstro, tal como as outras infelizes que a rodeavam e que tinham physionomias de tragedia. Sujeitára-se ás imposições do seu algoz, na esperança de obter algum dinheiro para o filho. Infelizmente, enganara-se e por isso resolvêra não dar noticia do seu paradeiro.

Dois annos mais tarde, d. Graziella, com grande surpresa, recebeu uma carta de S. Paulo. Era de Maria Alice. Informava que poucos dias de vida lhe restavam. Atirada a um catre de hospital, estava sendo devorada por uma tuberculose implacavel. Juntamente com a carta endereçada a d. Graziella, enviara um enveloppe hermeticamente fechado, contendo uma carta, endereçado a Rubem Dantas, seu filho, para ser-lhe entregue quando completasse maioridade.

D. Graziella, profundamente emocionada com a odysséa da moça martyr, guardou cuidadosamente o envolucro secreto no recondito de um antigo movel.

* * *

— A senhora chamou-me?

— Sim, Rubem. Os teus amigos já se retiraram?

— Já, minha bôa madrinha. Por que?

— Desejo falar-te hoje sobre importante assumpto.

— Sou todo ouvidos, minha madrinha.

— Tu, meu filho, completaste hoje vinte e dois annos, não é verdade?

— Perfeitamente minha madrinha.

— E recebeste o teu diploma de medico esta tarde, não é verdade?

— Sim, minha madrinha. E por que?

— Ha muito tempo que esperava por essas duas coisas para poder entregar-te uma carta que tua mãe enviou de S. Paulo dias antes de morrer e que deveria ser-te entregue quando te tornasses maior.

— Dê-me essa carta por favor, minha bôa madrinha.

— Eil-a, meu filho. Ha vinte annos que espero por este momen-

(Cont. na pag. seguinte)

SELVATICO

(A Gustavo Barrozo)

Desperta a taba em festa! Em canôas ligeiras
Os selvagens, de longe, aos poucos vêm chegando...
A noite se passára aos tacapes vibrando
Entre danças pagans em torno das fogueiras.

As filhas dos pagés, lindas faces trigueiras,
Não cessam de cantar á luz que vem cantando,
Fléchas pondo ao carcar, seus arcos retesando,
Ferindo o curvo azul com fléchas bem certeiras.

Da caça ouvida ao longe é a doce buzina
Ao primeiro rubor da cérulea cortina,
Desde as frinchas do bosque ao recesso das mattas.

Que descem, oscillando, as tranças refloridas,
A cuja grande sombra em rêdes estendidas
As virgens vêm dormir aos saltos das cascatas.

Henrique Rebello

FILHO CONTRA PAE *(conclusão)*

to. Agora, eu também já posso morrer.

— Obrigado, mil vezes obrigado, minha madrinha!

Rubem correu para o seu quarto, afim de ler a carta amarellecida pelo tempo. Soffregamente, rompeu o envolucro e se lhe deparou uma longa missiva escripta por mão de mulher, e a photographia de sua mãe. Quando terminou a leitura da epistola, seu rosto estava banhado em lagrimas.

A mãe de Rubem lhe relatára, pormenorizadamente, todos os seus passos. Accusára acremente o homem que a desgraçara e que, infelizmente, era o pae de seu filho. O rapaz jurou a si mesmo vingar a pobre mãe. Não descansaria emquanto não houvesse realizado o seu intento. Guardou sigillo absoluto sobre a sua resolução e, no dia seguinte, póz mãos á obra...

Procedendo a investigações, conseguiu saber que Dalmo Dantas, seu pae, era um conhecido capitalista, já afastado dos negocios, e que levava a vida a desfructar os prazeres materiaes que o dinheiro proporciona. Era celibatario e preoccupava-se somente com mulheres faceis.

Após ter colhido estes informes, o dr. Rubem rumou para o laboratorio de analyses do dr. Schilling, seu antigo mestre e amigo.

— Desejo trabalhar algum tempo no seu laboratorio, doutor.

— Pois não, Rubem. Estou sempre á tua disposição. Amo os amigos da sciencia.

No dia immediato, muito cêdo, já se encontrava o moço medico no laboratorio de analyses do dr. Schilling.

Iniciáram uma cultura de bacillos de Koch sob as vistas curiosas do sabio bacteriologista.

A's vezes, o dr. Schilling perguntava-lhe:

— Meu caro Rubem, qual a razão por que estudas com tanto interesse o bacillo da tuberculose?

E o dr. Rubem respondia:

— Simplesmente porque minha mãe foi victima desse mal, doutor. Desejo, agora, ser util á humanidade...

Diariamente, o dr. Rubem vae ao laboratorio antes da hora habitual, levando comsigo uma carta colorida, escripta por mão feminina e previamente encommendada... E' para ser enviada anonyma e encerra assumpto banal envolto em perfume caro.

O joven medico, por processo scientificamente garantido, faz com que as paginas da carta fiquem impregnadas de microbios. A seguir, colloca-a na sobrecarta adrede preparada e a envia ao libertino que a sorte ironica quizéra fosse seu pae.

Durante um mez, o dr. Rubem envia cartas ao capitalista, que se compraz em recebêl-as e, muito mais, em absorver-lhes o agradavel perfume.

* * *

Dois annos mais tarde, o doutor Rubem, por apresentação do seu velho mestre e amigo, é admittido como medico do Hospital de Tuberculosos.

Interessava-lhe o logar, visto ter sido informado de que o capitalista Dantas alli se internára minado por uma tuberculose em terceiro gráo, a despeito de haver tentado todos os meios de cura.

De facto, no dia em que entrou para o serviço do Hospital, já se avistou com o autor dos seus dias e responsavel pela morte de sua mãe. Encarou-o friamente, sem nenhum vislumbre de remorso, ao lembrar que aquelle soffrimento não correspondia a uma parcella do martyrologio de Maria Alice Dias após ter verificado entrada no hospital, o capitalista Dantas, qual espectro humano, contava avaramente as horas de vida que lhe restavam. Nesse dia, o dr. Rubem, visivelmente agitado, veste o avental e o gorro, e caminha resolutamente para o quarto do capitalista. Ordena á enfermeira que se retire por alguns instantes. Fecha a porta a chave, retira do bolso os petrechos de injecção e uma empola, e colloca tudo sobre a mesa. A seguir, aproxima-se do doente, que o fita com desconfiança e sem pestanejar. Sem dizer palavra, o medico retira de sob o avental uma photographia e a exhibe aos olhos do tuberculoso.

O resultado não se fez esperar. O doente reconheceu a pessoa e poude ler estas palavras: "Estou vingada." Immediatamente, arregalou os olhos, e, num esforço supremo, balbuciou umas palavras inintelligiveis, crispando as mãos no ar. Parecia querer fugir ao ajuste de contas. Mas já era tarde demais.

O dr. Rubem guardou o retrato, tomou da seringa e, em poucos segundos, esvasiou a empola de um liquido esquisito. Injectou a droga no braço descarnado do doente e aguardou serenamente o effeito.

No dia seguinte, todos os jornaes annunciavam o trespasse do capitalista Dalmo Dantas.

FONTES ANTIGAS, DE INVENTOS MODERNOS. — Os accendedores de cigarros...

IGNORANCIA? — O norte-americano em Paris. — Diga-me, garçon, o que é isto que a orchestra acaba de tocar?

— Ora... o hymno nacional norte-americano.

E', realmente, interessante vêr-se uma familia sahir, para uma excursão, em seu automovel novo...

A melhor

De Lopez

I

PARA aquelle homem, envenenado pela mentira, consistia a felicidade em dizer os maiores embustes. Basilio Juárez fez da sua vida uma trama de mentiras de todo calibre. Mentia a toda hora, a cada momento, em toda opportunidade. Mentia com a mesma naturalidade com que os outros dizem a verdade.

Naquelles tempos de bohemia moravamos em um pequeno quarto de estudantes perto da estação Constituição. Ambos acabavamos de chegar de nossa cidade e sonhavamos com a conquista de Buenos Aires. Elle, Basilio Juárez, aspirava o triumpho no theatro, como dramaturgo, e eu a gloria do poeta, a mais difficil de alcançar.

Juárez, emquanto esperava a hora em que seus dramas vissem a luz das gambiarras, ganhava o pão de cada dia como empregado numa casa commercial. Trabalhava, segundo me disse, como vitrinista, isto é, collocando nas vitrines, o mais estheticamente possivel, os trajes, as camisas, as gravatas, as sêdas — todos os artigos que se vendiam no estabelecimento.

Certa manhã, viajando de bonde, quando me dirigia para a redacção do jornal onde trabalhava, vi, na porta de uma grande casa commercial, um homem lavando o sólo. Visto distrahidamente, aquelle homem tinha uma vaga semelhança com meu amigo o dramaturgo. Quiz persuadir-me de que não era elle, mas, observando com mais attenção, verifiquei que se tratava mesmo de Basilio. E, sentindo uma grande pena de meu amigo, que, para ganhar o pão, tinha que descer a tão baixos misteres, voltei a cabeça para que elle não pudesse ver-me.

A' noite, quando conversavamos sobre os assumptos do dia, elle me disse:

— Parece coisa sem importancia e é, no emtanto, uma verdadeira arte isso de arrumar vitrines com bom gosto, fazendo-as o mais attrahente que se possa.

— Arrumaste muitas, hoje?

E elle, com pasmosa naturalidade, como sempre que mentia, me respondeu:

— Nada menos de seis vitrines. Estou exhausto.... Vou dormir. Bôa noite.

mentira

de Molina

II

Senti-me fortemente sacudido e ouvi uma voz que me gritava brutalmente:

— João! João! Levanta-te, que tenho uma grande noticia a dar-te!

Abri os olhos, sentei-me na cama e olhei Basilio Juárez, que acabava de chegar, depois de ter jantado com Jacinto Benavente, o insigne comediographo hespanhol que então se achava em Buenos Aires á frente de uma companhia.

— Que alegria, João! Que alegria! Afinal, vou estrear meu drama *A chaga occulta!* Jacinto Benavente, a quem falei de minha obra, está encantado e me disse que lh'a leve amanhã mesmo.

— Mas... é possivel? Não me estás mentindo, Basilio?

— Juro-te como é verdade, João. Esquece-te de todas as mentiras que te disse, porque agora te falo a pura verdade.

Eu duvidava, receiando que Basilio fosse novamente victima de seu inveterado vicio de mentir. A mentira, que era sua segunda natureza, podia mais do que elle.

— Juras-me que dizes a verdade? — perguntei-lhe, solennemente.

Então Basilio, quasi com lagrimas nos olhos, exclamou:

— Juro-te!

E estreitou-me com tal emoção a mim, que eu, nesse momento, acreditei a pés juntos que Basilio, effectivamente, jantára, naquella noite, com Jacinto Benavente, e que este lhe pedira seu drama *A chaga occulta*, uma peça um pouco absurda, embora não de todo destituida de effeitos theatraes.

— Amanhã, tu me vaes passar a limpo o original. Bem sabes que eu não sou muito forte em orthographia..., e não queria que Benavente encontrasse a mais leve falta orthographica, porque seria capaz de duvidar que eu fosse o verdadeiro autor do drama.

Pareceu-me razoavel e veridico tudo quanto me disse Basilio e no dia seguinte não fui á redacção do jornal onde trabalhava, afim de passar a limpo *A chaga occulta*, drama que ia merecer a honra de ser lido por Jacinto Benavente, e possivelmente representado pela companhia que elle então dirigia.

(Cont. na pag. seguinte)

... porém, muito mais interessante é vel-a regressar.

A melhor mentira

(Conclusão)

III

Trabalho inutil! Depois de ter estado horas e horas corrigindo e escrevendo com minha melhor letra o drama de Basilio Juárez, resultava que este, para não desmentir sua má fama, me enganára miseravelmente. Não existira tal jantar com Jacinto Benavente, a quem Basilio nem siquer conhecia de vista, e tudo não passou de uma indignidade, uma mentira que eu não podia tolerar. E não a tolerei, não, senhor! Quando verifiquei o embuste, rompi relações, para sempre, com aquelle incorrigivel mentiroso, e até lamentei a má hora em que o destino me puzéra deante delle.

Debalde, Basilio fez ruidosos protestos de amizade. Affirmou-me que tudo quanto me disséra era absolutamente verdade, e que alguem falára mal delle a Jacinto Benavente, accusando-o de plagiário, e que então o eminente dramaturgo, com bôas maneiras, se recusou a ouvir a leitura de sua obra. Mas, como eu estava bem informado, fui inflexivel, e não me apiedei do mentiroso. O rompimento de relações era irrevogavel. Eu não podia continuar sendo amigo de quem só sabia inspirar-me lástima e desprezo, vendo-o enfermo de morbidas mentiras.

E desde então nos separamos. Cada qual tomou seu caminho, e a voragem de Buenos Aires nos foi afastando cada vez mais, até que chegou um dia em que não tive mais noticia delle. Não sabia se estava vivo ou morto.

IV

Confesso que a noticia me impressionou dolorosamente. Afinal de contas, Basilio fôra meu amigo, meu confidente, meu companheiro de bohemia nesta babylonica Buenos Aires. Por isso, ao saber que acabava de morrer, experimentei intenso pesar, e quiz ir vêl-o pela ultima vez antes que o levassem para a cidade dos mortos, onde descansaria depois de ter levado uma existencia cheia de fadigas e de embustes...

A pessôa que me deu a noticia da morte de Basilio, me informou igualmente onde ficava situada a casa onde se iam velar os restos do dramaturgo fracassado. Era na mesma casa onde elle residia ultimamente, em Flores, uma casa humilde, cuja soledade me impressionou gravemente.

Basilio havia pouco mais de um anno que se casára com uma mulher bonita, a quem enganou desde logo, fazendo-se passar por homem rico e de grande prestigio. O homem rico fizéra a esposa passar até fome nesse curto periodo de vida conjugal, e, no emtanto, essa pobre mulher chorava amargamente, agora, vendo-o estendido inerte, com a bocca, que tantas mentiras disséra, para sempre fechada pela mão da morte.

Poucas pessôas se viam na camara mortuaria: não havia uma duzia. E a unica mulher era a inconsolavel viuva, que não cessava de chorar e de dizer:

— Basilio de minha alma, partes para sempre!

Falava-se pouco e em voz baixa. Era um velorio verdadeiramente commovedor o de meu pobre amigo. De quando em quando, uma menina sardenta e fraca entrava e nos offerecia um café.

Seriam, approximadamente, tres horas da madrugada quando occorreu algo tragi-comico, algo que agora, ao recordál-o, me faz estremecer de riso e que então me poz os cabellos em pé. Acabava a viuva de repetir pela millesima vez sua psalmodia: "Basilio de minha alma, partes para sempre!", quando o cadaver que estavamos velando se sentou no ataúde, com os olhos desmesuradamente abertos, nos olhou espantado, como si despertasse de um somno profundo e longo, e, depois, vendo sua mulher lhe disse:

— Mas, que é isto, Henriqueta? Estou sonhando ou estou acordado? Isto é um pesadelo atroz ou enlouqueci?

E' impossivel descrever o panico que se apoderou de nós. A menina sardenta, que nesse momento entrava com seu café, atirou-o ao chão e deitou a correr como si houvesse visto o proprio diabo. A viuva desmaiou, e todos os que viamos aquelle morto resuscitar abandonámos precipitadamente o aposento, e alguem houve que só foi parar em sua casa.

Passado esse primeiro instante de assombro, um dos mais corajosos e eu, que haviamos ficado na porta da rua, nos atrevemos a penetrar novamente na casa.

Encontrámos Basilio soccorrendo sua esposa, que soffrêra uma violenta crise nervosa. Ao ver-me, Basilio deixou a mulher e me envolveu num abraço, exclamando:

— João, afinal te vejo!

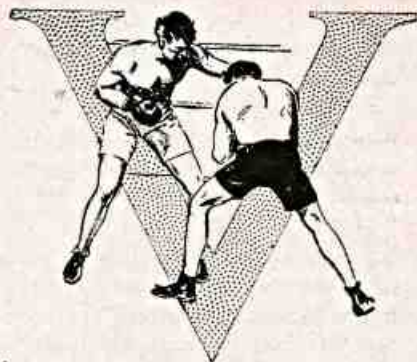
— Mas, que tiveste, Basilio?

— Coisas dos medicos! Deram-me por morto, e nunca me senti tão vivo quanto agora.

Abracei-o estreitamente, e disse-lhe, ao ouvido:

— Grandissimo embusteiro. Embora não haja dependido de tua vontade, enganaste a Sciencia, o Amor e a Amizade. Eu te proclamo, solennemente, o Rei da Mentira!

Sua esposa, sua pobre mulherzinha, chorava, agora, mas não de pesar, e sim de alegria deante daquella mentira da morte do companheiro.

ADAPTADOR VICTOR DE ONDA CURTA—*Augmenta consideravelmente o raio de acção do Novo Radio Victor, o que lhe permittirá receber programmas transmittidos por estações de onda curta situadas nos pontos mais remotos do nosso globo.*

NOVA ELECTROLA VICTOR com RADIO RE-57

Com Mechanismo para Gravar Discos em Casa.

Por fim . . .

V. S. poderá desfructar agora OS ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS MAIS SENSACIONAES

com o NOVO RADIO VICTOR

e o Adaptador Victor de Onda Curta

As descripções dos acontecimentos desportivos mais sensacionaes de todos os paizes do mundo podem ser agora transmittidas a milhares de kilometros de distancia, através de oceanos e continentes, por meio das transmissões radiotelephonicas de onda curta. Ouça as narrações immensamente interessantes dos grandes torneios desportivos de ambos hemispherios . . . boxeo . . . futebol . . . regatas . . . polo . . . tennis. Com o novo e maravilhoso Radio Victor e o Adaptador Victor de Onda Curta V.S. poderá desfructar facilmente todas estas expansões da vida moderna.

Com a Nova Electrola Victor com Radio e os Discos Victor tem V.S. á sua disposição a musica mais selecta do mundo . . . uma grande variedade de prazeres espirituaes que satisfarão as aspirações dos amantes da musica e desportes. Faça-nos uma visita hoje mesmo e teremos muito prazer de demonstrar-lhe estes maravilhosos instrumentos ultra-modernos.

A Nova
ELECTROLA VICTOR
com RADIO

Distribuidores Geraes:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98 — S. Bento, 35 — S. Paulo
A' venda em todas as boas casas do ramo

Um Instrumento Victor e Discos Victor Para Todos os Gostos

VICTOR DIVISION, RCA VICTOR COMPANY, INC., CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

"— Não é doutra maneira! Creia-me! Acredite! A historia conta-se assim mesmo...

E após o classico pigarro e o classico enrugamento de testa, para lembrar uma coisa perfeitamente sabida, o poeta falou:

— Foi logo no principio do mundo.... Creado o Homem, não se satisfez o Creador com essa primeira prova da sua capacidade de fabricante de materia racional, e lançou seus divinos olhos para a feitura da companheira de Adão.... A esta, á pobre e tão calumniada Eva, não podendo caber a força e a intelligencia do másculo — pelo motivo muito elementar de estar o Senhor animado eternamente de idéas pacifistas — era mistér ser dado um poder novo e incontrastavel, que de algum modo fosse, naturalmente, elemento de submissão do homem.... Foi então que Deus destinou á Mulher a missão da maternidade. Ella iria ser como a ovelha, amorosa e meiga, como a pomba, serena e bôa, como a andorinha, tépida e amiga. Nessa missão resumia o Senhor as virtudes de todos os animaes do sexo feminino que creára. Dava-lhe a agudeza da loba, no presentir o perigo, a astucia da raposa, no resolver a situação difficil, a agilidade da rhena, no fugir das traições. Dava-lhe a presteza do kanguru em guarnecer os filhos, a suavidade da gata em acalental-os, a picada da cobra em defendel-os. Ella synthetizaria todas as perspicacias e bondades, como uma gotta dagua resume todas as irizações.

• • •

O poeta parou um instante, para respirar. Depois, proseguiu:

— Havia decorrido certo tempo, coisa ahi correspondente a tres ou quatro mezes de nosso calendario, quando o Senhor resolveu visitar o casal que originou a humanidade. E não foi sem certa surpresa que soube, por Eva, estar o nosso pae para a floresta, onde passava dias e dias, a realizar trabalhos por elle mesmo considerados difficeis, mas imprescindiveis.

"Aquillo espantou-o. Que tinha o Adão de fazer naquella mattaria? Por que andava elle a ausentar-se do lar, quando podia estar junto á sua companheira, sorvendo com ella paradisiaco mel?

"Resolveu, porém, esperar.... E foi essa a primeira vez que um deus esperou um homem.... Sempre queria saber o que andava a fazer o Adão!... Bem podia succeder que alli andassem artimanhas do anjo rebellado.... O crepusculo estava a cahir e assim Adão não tardaria...

"Realmente, quando a tarde estava agonizando de todo, lépido como um cervo, com uma alegria doida que o punha em pulos e saltos de cabrito montez, as mãos, prendendo um objecto que mal se destacava por entre a penumbra do anoitecer, sujos de terra á feição de limo, irrompeu elle pelo caminho, de retorno á casa."

"Proximo então de sua esposa e de seu creador, com um contentamento de quem vencêra a face bruta das coisas, á semelhança dum artista, ergueu os braços para o alto, as mãos detendo no ar, á maneira duma offerenda aos céos, o

Para MART

ser estranho que trouxera, e proclamou, victorioso:

"— Irra! Não calculam o trabalho que me custou.... Mas eu havia de conseguir o meu intento. Tive que applicar toda a força de pensar que o Senhor me deu..."

"Não se conteve e casquinou uma gargalhada triumphante, que ecoou violenta no espaço, como si fosse projectada de todos os seus musculos retesos e possantes:

"— Mas eu havia de vencer! Só no trabalho da escolha da terra, na pesquisa do material que seria util... tavel, perdi alguns dias.... a ponto de esquecer-me de mirar a agua quando ella sobe aos infinitos, para

RIGENDA DE SOUSA

INS CAPISTRANO

fazer de minha pupilla avaliadora maravilhosa de distancias, e de ascender aos troncos, para afinar pelos passaros a minha voz e delles aprender os frutos que são opimos. No acertar dos talhos, na fixidez dos côrtes, no tirar de rasuras, no aperfeiçoar insano de linhas, cansei meus dedos longos e fortes e calejei minha alma ampla e lisa.

"Jehovah e Eva assistiam áquillo sem comprehender. Adão, porém, em breve lhes deu a explicação desejada, entregando á sua companheira, para que apertasse ao collo, aquella porção de humus que elle havia cortado a certo modo, aguçado alguns contornos, fixado alguma coisa de ansia creadora.

"— Ahi tens, minha amiga. O Senhor te deu o destino glorioso da maternidade. Hosannas merece quem é tão munificente!

"E ferindo, sem querer, os meritos divinos:

"— Esqueceu-se elle, porém, de preparar-te para tal missão. De ensinar-te todos os desvelos e cuidados, todas as ternuras e puericias que devem cercar tarefa tão nobre. Eu estive para pedir-lhe... Depois, amedrontei-me!...

"E, com os olhos baixos, retorcendo as mãos barrentas:

"— Podia elle julgar que eu estava ansioso de ser pae...

"Proseguiu, meneando ligeiramente a cabeça alta:

"— Então, resolvi, por mim mesmo, fazer algo que te parecesse o nosso filho... Que despertasse o sentimento que o Senhor te deu!... Atirei-me para a floresta, uma scentelha inventiva a animar-me o cerebro. E agora ahi tens! Dirás que é terra, argilla, barro apenas... Não! Repara bem!... Vê que ahi está o logar dos olhos, e os ouvidos, e o nariz e a bocca... Vê, repara bem, que está á nossa semelhança... Ama-o! E' como si fôra o nosso filho!..."

* * *

O poeta acabára a historia. E, voltando-se para nós:

— E foi assim, numa corrigenda talvez da intelligencia ao Senhor, que o Homem creou, para o ensino da attitude primacial da mulher, na sua mais remota e primitiva configuração, o encanto indefinivel das bonecas...

ENTRE ELLAS. — Crês que o tenente se declarará a Lucia?
— Oh, sim! Tu sabes muito bem que elle tem varias medalhas por heroismo.

O QUE O RIO CANTA...

No momento, passado o carnaval e esquecido o "Com que roupa?", a "Batucada" e o "Quero ver você chorar", não ha, positivamente, uma canção fazendo furor.

Canta-se muito a valsa "Arrependimento", os tangos "Yira... Yira...", "El penado 14" e "Atorranta", a canção "Bungalow" e mais dois ou tres sambas mediocres.

A dupla Francisco Alves-Mario Reis acha-se em plena decadencia.

O "Bando dos Tangarás" não tem, no instante em que escrevemos, nenhuma das suas formidaveis creações em plena "ordem do dia".

Para Carmen Miranda, já passou o carnaval, sua época de cartaz.

Patricio Teixeira, Aracy Côrtes, Pinto Filho, Gastão Formenti, todos estes devem estar preparando optimos numeros, mas todos elles, certamente, estão com receio de lançal-os agora, nestes tempos bicudos...

Assim, o que o Rio canta é mesmo aquillo que dissemos acima, com ligeiras variantes determinadas por preferencias pessoaes que não estabelecem regra geral.

Deste modo, chega-se á conclusão de que "á l'ouest, rien de nouveau"...

AGULHAS...

As estações de alguns "clubs" de radio que existem no Rio de Janeiro têm um pessimo costume.

Escondem, o mais que podem, os nomes dos autores das composições, seja musica ou seja letra, limitando-se a enunciar o titulo da producção e o seu interprete.

Ora, isto não está direito e é preciso acabar.

Que distincção merece um cantor, muitas vezes mediocre, que se installa deante de um microphone e ali vae reproduzir trabalhos meritorios de autores não raro notaveis?

Está visto que deveria succeder justamente o contrario, sendo omittido o seu nome e nunca o de quem escreveu ou musicou qualquer peça apreciavel.

Ou melhor: não deveria ser omittido nome algum, pois que todos são artistas, precisam de propaganda e a obrigação das estações de radio era fazel-a igualmente, para estes e aquelles.

Resultado: — o cavalheiro ou cavalheira que se põe a berrar num microphone, ás vezes assassinando a musica e a poesia, pode ficar descansado quanto á divulgação da sua "graça".

Tambem os autores podem ficar descansados.

Ninguem tomará conhecimento das suas existencias.

GASTÃO FORMENTI

Si encararmos como artistas, de facto, os nossos cantores de discos, chegaremos á conclusão de que Gastão Formenti é o melhor interprete que possuimos.

Sabendo ler e escrever, coisa que não é commum ao meio, honesto e consciente, não se rebaixando a cortejar o analphabetismo das massas, o cantor de "Casa de Cabôco" impõe-se entre as camadas de "élite", embora com prejuizos de ordem material.

— Amigo, encommenda-te; esqueci-me de uma cousa.
— De que foi?
— Dos freios!

Um disco de Formenti é, infallivelmente, um disco digno de ser ouvido.

A letra nunca é estropiada e grosseira, nunca tem a virtude negativa dos solecismos amontoados, uns por cima dos outros, e a musica que elle canta é sempre escolhida entre as que se communicam com as sensibilidades mais apuradas.

Formenti jamais cantaria um aleijão disparatado como este:

> "Nem tudo que se diz
> *se faz.*
> *Eu digo e serei*
> *capaz*
> *de não resistir,*
> *nem é bom falar*
> *se a orgia se acabar!"*

Outra qualidade sua: — nunca "virou" escriptor ou compositor, somente para accumular os direitos autoraes dos discos que grava.

O grande publico, porém, ainda não sabe dar o devido valor a estas coisas, que escapam á sua observação.

Mas, como dissemos no periodo inicial deste topico, Formenti é um artista, de facto, como muito poucos o são, entre os que gravam chapas phonographicas.

Além de cantor, é pintor de merito inconteste, concorrente dos "salões officiaes" da metropole.

Actualmente, ou melhor, até ha pouco, empregava a sua actividade vocal para os discos "Brunswick".

Agora, porém, havendo esta fabrica encerrado os seus negocios com o Brasil, devido á crise financeira que nos assoberba, é possivel que a "Columbia" procure dar-lhe um contracto vantajoso, enriquecendo o seu elenco nacional, que não é dos mais fortes.

MUSICAS ACTUAES

O exito da canção "Bungalow" é uma demonstração de apreço que o bom gosto do publico está dando, com justiça, a uma peça de todo interessante.

Os versos, de Orestes Barbosa, admiraveis no seu enredo e na sua originalidade, despertam um côro de louvores unanimes.

A musica, de Oswaldo Santiago, acompanha como uma sombra as palavras do poema, salientando as suas subtilezas.

"Bungalow" acaba de ser editada, para piano, pela "Casa Vieira Machado".

E sua procura está se verificando com a mesma intensidade com que foram disputados os discos em que Alvinho a gravou com tanta felicidade e delicadeza.

este prato é uma delicia

Emquanto attende ao jantar, a gentil creada de servir reflecte sobre a diversidade de paladar dos convivas...
E sorri á ideia de que o prato que agora leva voltará vasio. Ella já sabe que os convidados são unanimes em apreciar esta saborosa macarronada, magistralmente preparada com as insubstituiveis massas Aymoré, de semolina de trigo.
Experimente as massas Aymoré. Exija-as do seu fornecedor

MASSAS AYMORE'

OSWALDO SIQUEIRA (São Paulo) — A sua carta é clara nos seus termos: o sr. não é poeta; mas *banca* o poeta na vida (sic).

Vejamos:

"Snr. Yves. Meus Cumprimentos. Junto a esta, tomo a liberdade de lhe enviar um *Soneto* de minha lavra, intitulado: — "Conquista Ingloria", o qual peço lêr e publicar no "Fon-Fon", si elle estiver em condições de vir á luz.

De quando em quando, para matar o tempo (o engraçado é que nós matamos o tempo e o tempo nos enterra, como disse Machado de Assis), banco o poéta, na vida... Não vá cuidar, entretanto, que a historia gyre em torno de uma especie de cavalleiro medieval... O sentido, ahi, é claro, figurado... Não se zangue com esta pequenina insinuação...

Sem mais, aguardando sua resposta pela *terrivel* Caixa do "Fon-Fon", sou o seu. Admirador, — *Oswaldo Siqueira.*"

Francamente, é com uma grande prevenção que leio o seu soneto. Não por elle, mas pela sua missiva.

Basta dizer que, logo de inicio, o sr. revela esta coisa hedionda: "*banco* o poeta".

Desculpa-se. O sr. não é poeta, é bem claro; do contrario não escreveria nesse prosaico papel, e a machina, á maneira de qualquer caixeirinho de venda, nas suas horas de folga.

Mas, si o sr. não é poeta, tambem não deve confundir a divina arte de Homero com o "jogo do bicho". Nos dominios da arte poetica, não ha logar, felizmente, para bicheiros. Ha, apenas, uma pequena pista para os cavallos do Walhala e o Pegaso da Mythologia. Mas creio que o sr. não gostaria de concorrer com esses lendarios solipedes...

Não veja nisso insinuações perversas. A insinuação, si existe, é feita pelo sr. — que declara, abertamente: "Não vá ccuidar, entretanto, que a historia gyre em torno de uma especie de cavalleiro medieval... O sentido, ahi, é claro, é figurado..." Quer dizer, sem duvida, que o sr. não é cavalleiro. Será, talvez *entraineur*, ou *ménageur*? Dahi a tendencia para banqueiro de bicho ou de sonetos...

O sr. errou a nossa porta. Devia ter ido bater ao Jardim Zoologico.

O seu soneto pécca por muitos motivos. Um dos seus peccados está neste verso:

E, quanto mais soffria, estava
[*certo*...
do teu amor...

Ora, o adjuncto adverbial *quanto mais soffria*, exige um equivalente, representado pelo adverbio *mais*.

Assim, deveria escrever:

E, quanto mais soffria, mais es-
[*tava certo*...

O ultimo terceto, dada a magnitude do motivo poetico, devia synthetizar, com grandeza, o remate da narrativa ou exposição feita nos quartetos. Mas o sr. termina o seu soneto como si o iniciasse com a protophonia do *Guarany* e o terminasse com o *Jura*, samba malandro, cantado por Aracy Cortes.

Uma prova? Eil-a:

Eis-me de volta. Tenho conquis-
[tado,
O que póde existir de mais bri-
[lhante,
Na lucta por um nome disputado...

Porém, achando pouca essa con-
[quista,
Quando tornei, disseste-me: —
["Adeante."
Coração sem amôr, alma egoista...

Mas, como a sua vocação é para *bancar*... o bicho...

A *dactylographa* (ao ascensorista) — Leva-me outra vez para baixo, porque ainda não me occorreu uma desculpa, para dar ao chefe, por ter chegado tarde.

Saibam

MEXICANA (S. Paulo) — V. ex. se queixa de que a sua carta tenha obtido uma resposta laconica. Ora, não era possivel estender-me sobre um assumpto que não comportava prolixidades.

V. ex. me pede uma informação. Cumpri o meu dever: esclareci o que desejava saber.

Fui além. A sua carta era um tanto ironica e recordava que, certa vez, v. ex. me escrevera uns insultos, para os quaes me pedia desculpa. Respondi-lhe com a maxima cortezia. Podia ter dito como na Sagrada Escriptura: "Beati pauperes spiritu". (*Bemaventurados os pobres de espirito*).

Ora, eu não disse nada disso. Fui cavalheiro. Pois bem, v. ex. se queixa de que a minha missiva é laconica.

Bravos! E' a primeira vez que isso se dá...

Que quer que lhe diga? Que a acho linda? Que sympathizo com v. ex? E si a minha illustre *Mexicana* fôr, por ahi, uma solteirona de 30 e picos mais umas quebras de alguns annos menos juventude vezes 10?!

Não vá se zangar com o seu admirador. Estou brincando. Sei que v. ex. é bonita e joven. Sei-o pelo perfume da sua carta.

Gostou?

CHICO (Minas) — Os seus versos não são maus. Revelam mesmo um poeta. Mas são fracos. Não lhe darão gloria. Mande-me outros de mais folego, e eu os publicarei.

CIGANITA (Capital) — Li a sua missiva com attenção. Mas o assumpto a que se refere não póde ser tratado publicamente nas paginas de uma revista. E' um assumpto confidencial.

Escrever para a sua residencia? E' difficil. Não disponho de tempo. Nesse caso, será mais facil v. ex. telephonar-me. Isso no caso de julgar preciosa a minha intervenção no caso que tanto a interessa.

E é só — por hoje.

ODETTE (S. Paulo) — Até parece mentira que haja ainda quem não tenha visto, nesta secção, a indicação das livrarias onde poderá encontrar *O Suave Enleio* (3ª edição).

Repito aqui a informação:

todos...

Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

Nesse estabelecimento é onde se encontram tambem os dois livros a que se refere: *Divina Amargura* e *Borba Sangue*. Sobre *Divina Amargura*, de Paulo Gustavo, Sylvia Patricia escreveu:

"... sobre o livro do poeta novo que é um grande poeta... Venho apenas dizer-lhe que me falou profundamente á alma o seu lindo evangelho de amor... Suave amargura esta, piedosa e bôa, que dá a quem a lê mementos de emoção e de doçura... "Divina Amargura" é um livro que, uma vez lido, voltamos a relêr muitas vezes. Creio que é o que de melhor se pode dizer de um livro!"

Borba Sangue, de Neves Manta, marcou a sua época e apavorou os burguezes, com a audacia das idéas do seu autor.

POETOTE (Capital) — O sr., pelo que affirma, é um velho leitor do *Fon-Fon*. Portanto, queira acceitar os meus parabens.

Quanto ao resto.... Mas, o resto é tudo. O resto é a sua carta, seguida do seu soneto, o que assegura, desde já, uma cadeira.... de tres pernas, no Petit Trianon.

Vejamos a sua carta:

"Illmo. Sr. Yves. Tradicional leitor de Fon-Fon, mesmo dos tempos em que elle ostentava no seu frontespicio, (de hle) chauffeur com oculos e passageiro com mão á cartolla, veja o amigo, me interesso agora pela secção que com tamanha competencia, zelo e amor proprio superintende — Saibam todos...

Assim é que depois de haver já prosado um pouco, e por vezes haver tambem já falado sozinho, resolvi me iniciar na arte de versejar, (Sic) e por isso rogo do amigo e mestre o grande favor de se pronunciar tambem a respeito do meu innocente trabalho.

Com os devidos respeitos vos agradeço penhorado.

P. S. Rogo responder-des para —Poetóte."

Agora, o soneto:

A CULPA DO BARDO

Se um dia o bardo, indulgente e
[bom,
A minha fronte aureolasse, eu
[juro,
O meu amor que a ti parece im-
[puro,
Avultaria e modificava o tom.

Ao envez de um profano a te
[acossar,
E a todo transe a te atormentar,
Em mim verias tão somente um
[louco
A te implorar do teu amor — um
[pouco.

Mas tú me evitas, e obstinada-
[mente
Teimas em fugir de mim...
Como a Noite a fugir do Dia!

E eu bem perto de mim queria,
Sempre, e constantemente,
O teu hálo, o teu corpo, tú emfim!

Rio, 16-4-931. — Poetóte.

Como vê, a opinião que posso dar sobre o seu soneto é que elle parece com a cadeira destinada ao sr. no Petit Trianon: — elle é manco. Ha uma pequena differença entre uma coisa e outra: — a sua cadeira só claudica de um pé; o seu soneto claudica de todos elles.

Pesames, caro poetote...

PE' DE REVOLVER (Bahia) — Seria melhor dizer: culatra. Sim, porque o tiro, desta vez, vae sair pela culatra.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 9-5-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

O sr. atira, com um soneto, ás paginas do *Fon-Fon*. Mas o diabo é que elle recúa, e vae cair na cesta de papeis. Que tragedia!

Tambem um poeta que se diz *Pé de revolver*, não vale um tiro de polvora secca.

O seu soneto *Consolação* é um é um desconsolo para a sua *Dulcinéa*. Ao lel-o, ella deve reflectir: "Que amargura! Pensei que fosse homenageada por um canhão, uma metralhadora, ou mesmo um fusil.... E que vejo? Um simples *Pé de revolver* a me amolar a paciencia com o estampido rouco dos seus versos de pés quebrados".

E, naturalmente, ella pensará em mandar os seus versos ao cutileiro, na esperança de vel-os concertados, azeitados e rebrilhantes...

Para não se dizer que a sua Dulcinéa é ironica, dou aqui os dois quartetos do seu *Consolação*. Quero que as leitoras bonitas do *Saibam todos* vejam bem que ella está com a razão...

CONSOLAÇÃO

Dulcinéa minha, a percussão mi-
[mosa
Dos labios com que tu me beijas
[redolente
Vôa-me o coração nas azas côr de
[rosa
Do sonho que te embala os dias
[innocente.

Não se define, o anjo que minha
[alma sente
Olhando neste mundo, o que tua
[alma gosa
Não sei que unge dos sons o meu
[amor investe
Para entornar-te aos pés a lyra
[fervorosa.

Symphonia do Destino

O OLHAR

Eu a vi, naquella manhã doirada, com o seu lindo vestido vermelho fulgurando ao sol, por entre as rosas brancas do pequenino jardim de sua graciosa vivenda. Vimo-nos e qualquer coisa permaneceu entre nós...

O SORRISO

Ella sorriu-me com espontanea ternura, acordando-me emotivas alegrias, na primavera feliz de uns sonhos côr de rosa... Sorrimo-nos e, entre nós, começou a falar a voz de veludo de uns labios verdes...

A LAGRIMA

Depois, quando o Destino a levou para nunca mais voltar, ficou a saudade cantando, pela voz do silencio, a canção pungitiva da lembrança... Aproximei-me. Falei. O olhar emmudeceu... O sorriso fugiu... Mas, a Dôr entendeu-me...

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 19

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1931

Moloch

O barão de Rotschild, até ha pouco, mettia inveja a muita gente bôa, como possuidor da maior fortuna de França.

Banqueiro, fazia brilhar, no mundo das finanças, o ouro amoedado nas suas arcas, avaramente defendidas até mesmo pela policia diplomatica, que muito entende dos negocios de juros, quando estes vivem encaixados nas dividas em atrazo dos emprestimos estrangeiros...

O dinheiro, capitalizado nas mãos argentarias, exerce um poder soberano na consciencia das massas.

Si transpõe as fronteiras de um Estado para fomentar riquezas alheias, tem de voltar algumas vezes majorado, em obediencia aos principios rudimentares da sciencia economica.

Yves Guyot e Leroy-Beaulieu, avidamente estudados por legiões internacionaes, procuram explicar os phenomenos immutaveis do scenario economico, e, por isso, foram considerados como semi-deuses entre os que apoiam no dinheiro o principio e o fim da belleza, da harmonia social.

Mas, taes phenomenos perderam a força quasi sobrenatural, advindo para os credores um certo desprendimento na satisfação pontual dos compromissos assumidos...

Novas theorias, novos doutrinadores subverteram a ordem do mundo financeiro.

O capital passou a ser encarado com affrontoso aspecto e os juros, um roubo...

Mas, nem assim os banqueiros foram a p e i a d o s dos altos pedestaes.

Tomar dinheiro emprestado é ainda uma torturante necessidade para quem nada dispõe de seu sinão a camisa com que veiu ao mundo.

E ter dinheiro, não digo para dar de emprestimo, mas para amoedal-o em thesouros immensos, constitue, para a maioria dos homens, a preoccupação maior, a suprema ventura dos cerebros bem constituidos.

Si tendes dinheiro, ganhareis muito mais, fazendo bons negocios, é evidente...

Porque os máus negocios têm a propriedade de arrazar fortunas, Isto teria sido sentenciado pelo illustre conselheiro Accacio, de saudosa memória.

Os banqueiros da estirpe dos Rotschilds sabem, porem, fazer apenas negocios magnificos, pois, em caso de perigo, trazem, escondidos ás costas, esquadras e canhões...

O resto, ninguem ignora.

Está, entretanto, provado que se póde accumular fortuna sem emprestar a juros.

Fabricando perfumes, doce e suave mistér, adquire-se, tambem, a felicidade da posse de muitos milhões.

Acontece mesmo que um mercador de essencias, ás vezes, consegue desthronar banqueiros, empolgando os olhos da humanidade com o seu dinheiro, cuja fascinação é muito mais poderosa do que os perfumes, para o olfacto.

Ahi está o exemplo de Coty, o perfumista elegante e celebre, que, com os seus quinhentos mil contos de reis, supplantou a fortuna do barão de Rotschild, o que constitue uma famosa victoria no circulo das finanças.

Licito é concluirmos que mais vale fabricar perfumes do que ser banqueiro de Estados em moratorias constantes, pelo pouco zelo dos seus governantes desfibrados.

Quem sabe até si o perfume não concorre para a crise dos banqueiros...

Dizem que as mulheres são loucas pelos perfumes, e que os politicos são loucos por mulheres...

Capricho géra caprichos, é certo!

Pois *monsieur* François Coty é, hoje, considerado o homem mais rico de França, mettendo inveja ao proprio barão de Rotschild, com os seus quinhentos mil contos de reis.

Agora, começo a entender a noticia, não ha muito vinda da Italia, de que D'Annunzio pretendia jogar de lado as letras para se dedicar ao fabrico de perfumes...

Para que fazer livros, quando a humanidade não considera a leitura um habito salutar e necessario, si um frasco de essencia dá muito mais dinheiro?...

Para que se consumir imaginando *La Figlia di Iorio* com a figura de Ornella a gritar:

Mila, Mila, sorella in Gesù,
io te bacio i tuoi piedi che vanno!
Il Paradiso é per te!

Gabriele D'Annunzio, com o correr dos annos, ganhou o senso pratico das coisas...

Foi influenciado, talvez, pelo *genio* de Coty.

Imaginou fabricar p e r f u m e s para ter o consolo de morrer rico.

O dinheiro, para que serve, afinal?!

Si os *entendidos* affirmam que elle já perdeu até o poder acquisitivo...

MARIO POPPE

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Poeira historica

O imperador Trajano escrevia a Plinio, o Moço, chamando-o meu caro Plinio. Feliz o tempo em que os chefes de Estado honram, assim, com sua protecção e seu prestigio, os homens de letras e os sabios.

* * *

"Em Cesar ha mais do que um Mario." Estas palavras do dictador Sylla aos amigos que lhe pediam o indulto do joven Julio Cesar destinado á morte, mostram como os grandes homens sabem prever o futuro. Sylla dizia que Cesar seria o destruidor do partido nobre que elle estava defendendo. E o futuro deu-lhe razão.

* * *

Quando se tratou, em Roma, da distribuição de dinheiro ás tribus pelos candidatos que pleiteavam as eleições consulares, o rigido Catão declarou que isso era necessario ao Estado — e republica fieri. Hoje em dia, os catões gritam contra as sommas que se gastam com os jornaes nos nossos pleitos. E' verdade que existe uma differença essencial. Em Roma, o candidato pagava do seu bolso. Aqui, elle paga com o thesouro federal ou estadual.

* * *

O centurião Cornelio, mostrando o punho do seu gladio ao senado romano, disse-lhe, referindo-se a Octavio Augusto, seu amo:

— Si recusaes fazêl-o consul, eis aqui quem o fará por vós.

Por toda a parte e em todos os tempos, a espada tem continuado a amedrontar as assembléas e a eleger os consules...

* * *

Deformi et incondita turba. Assim, um grande historiador classifica o senado de Roma. Companhia degenerada e confusa, é o que diz o latim. O' leitor, a que outro senado applicarias o dito?

* * *

Incitatus, o cavallo que o imperador epileptico Caligula quiz fazer consul, tinha um palacio de marmore, escravos, arreios guarnecidos de ouro e pedraria, e comia numa mangedoura de marfim. Dava festas e jantares.

Quantos Incitatus de dois pés não conhecemos que têm palacete, roupas e joias, baixelas e crystaes, creadagem numerosa, e dão recepções! Alguns são mesmo consules...

FAIANÇAS

FEMINISMO VICTORIOSO

No seu livro *A Victoria do Feminismo*, recentemente apparecido, Adonias Lima nos dá esta informação edificante: "A mulher tinha, na casa, a palavra de ordem e de commando".

Tinha? Antigamente?

E hoje? E agora?

O ensaista faria melhor si accrescentasse: "E hoje, ella não só tem a palavra de ordem e de commando — no recesso do lar, como tambem fóra [illegible], onde pontifica do homem prepotente."

Na verdade, é curioso notar como a Eva moderna está senhora do mundo.

Archimedes pedia um ponto de apoio para levantar o globo terraqueo; a mulher do seculo XX vira o mundo de pernas para o ar, sem necessitar de nenhum ponto de apoio.

Reparem...

No que diz respeito a almas — almas da gente do meu sexo, é claro — ella é de um despotismo cruel.

Cada um de nós é um polichinello irrisorio em suas mãos destruidoras e lindas.

E quando digo destruidoras, digo bem.

Destroem a nossa felicidade risonha com um simples gesto intencional; mutilam, sorrindo, o nosso destino bom, quando este se nos apresenta; estragam a nossa propria vida. E estou certo de que, si os astros não fossem coisas inaccessiveis, ellas, as mulheres, destruiriam — ó por coquetteria — a bôa estrella que nos guia, ás vezes, o caminho...

As senhoritas desculpem, si sou um tanto justo... Sim, nesse caso, a justiça é uma coisa inconveniente.

Mas eu hoje amanheci revoltado contra uma cabecinha de vento. Uma cabeça cheia de cachinhos tremulos, e onde ha dois olhos pequeninos...

Um dia, a dona dessa cabeça espiou pela janella da minha alma. Nem sequer me pediu licença para entrar. Entrou, sem fazer cerimonia.

E, agora, como se fia no seu despotismo, e é "quem dá a palavra de ordem", entende que deve transformar aquillo lá por dentro — dentro da minha alma — numa simples casa de Orates...

Numa casa de Orates, onde, porém, só ella é quem manda e desmanda... Pois sim.

YVES.

Uma linda corrente de sorrisos encantadores... Unida pela amizade e pela graça...

Jardim Aberto

D. JAYME

FLORES LATINAS

EU me deixo levar muito pelo aspecto physico dos individuos, porque a experiencia me ensina que a face quasi sempre retrata a alma. E' certo que, muitas vezes, isso não se dá; porém são tão raras essas excepções, que somente servem para confirmar a regra.

Em geral, a falsidade, a covardia, a infamia, a maldade se estampam nas physionomias. Ellas são como que o espelho do caracter. "Com aquella cara, um sujeito não póde prestar", julga com sua quasi infallibilidade o povo, juiz muito apreciavel. Da latinidade nos veiu um proverbio que exprime a sabedoria antiga a esse respeito, de maneira insophismavel: **in vultu vitium.**

* * *

Si o mar ainda o não devorou ou si as dunas movediças ainda o não sepultaram sob o lençol branco de suas areias, deve existir na praia cearense, beijada pelos verdes mares bravios, aquelle recanto bucolico em que floresciam salsas e aonde eu ia sonhar, quando menino. Vejo-o com os olhos agudos da saudade. Uma cerca de arame farpado enfestonava-se de melão de S. Caetano, dois ou tres coqueiros erguiam para o azul os seus penachos atormentados pelo vento, as flores lilazes e brancas das bôas-noites atapetavam o chão e uma velha caçamba de draga enferrujava-se ao abandono, dando a sombra que me acolhia.

Era alli que eu, solitario, ignorado e pobre, ia, ouvindo o bramir das ondas e o sibilar do aliseo, depois de pescarias e correrias, descançar e meditar, perdendo-me no mundo encantado dos sonhos. Tão pequenino espaço que continha tão g r a n d e s esperanças, como cantára Horacio: **spatio brevi spem longam reseces...**

* * *

A infelicidade será obra nossa, será obra do acaso, será obra do destino?

Desde que o mundo é mundo, os que a desgraça persegue fazem essas perguntas ao mysterio que nos rodeia. Até hoje não obtiveram resposta. Ha millenios o seu grito vara o infinito e só o silencio se escuta, depois que elle passa. Somente a fé sustém o homem á borda desse abysmo. Uns aos outros, não devemos recordar como os trappistas, que é preciso morrer, porém que é preciso, antes de morrer, soffrer.

Quando o soffrimento se abate sobre uma cabeça, como que se encarniça, obedecendo a um secreto mandado iniludivel. E será verdadeira a palavra latina do poeta: **Non ignara mali?...**

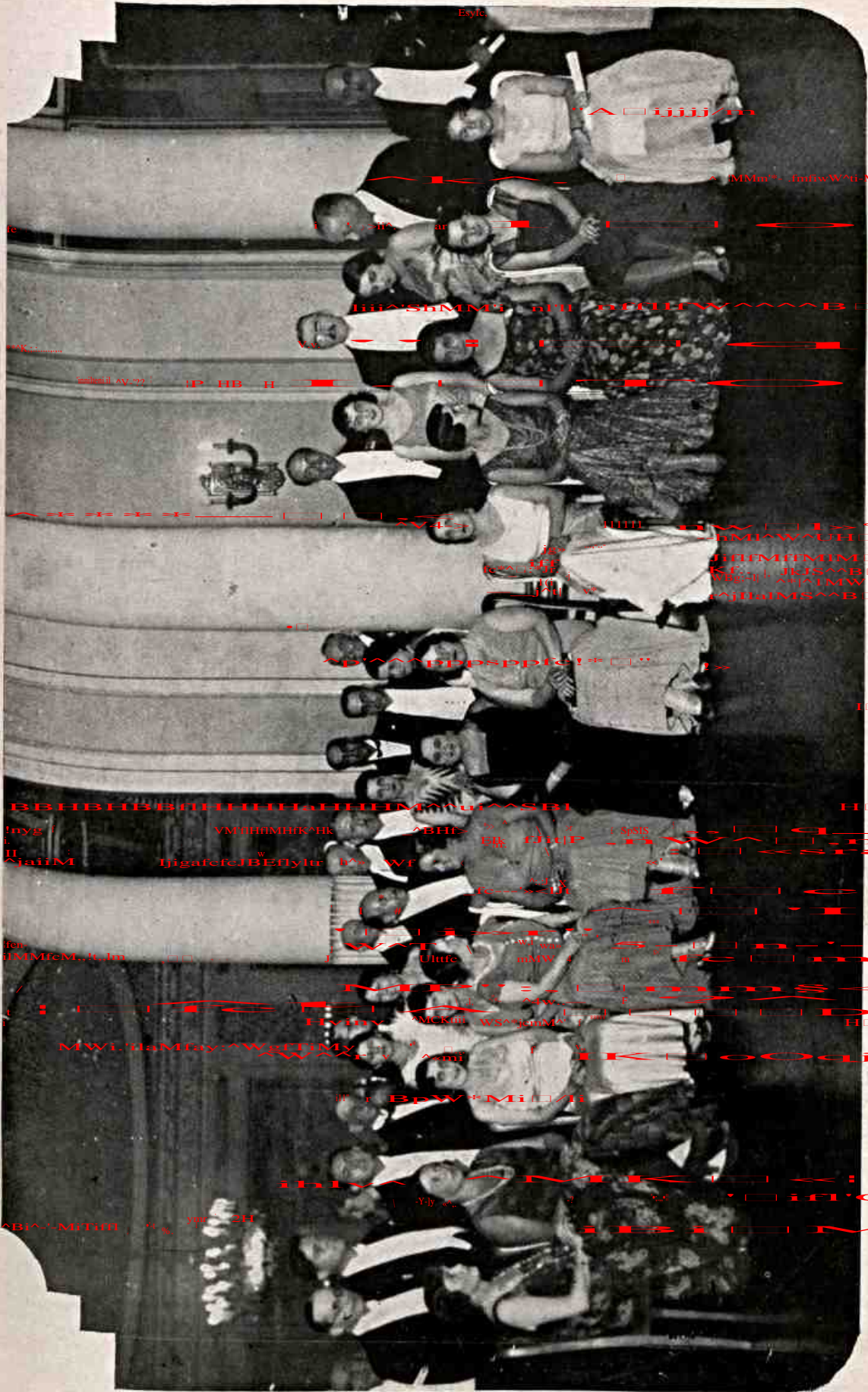
* * *

"Peninsula espectadora do oceano" — disse Plinio da Bretanha. Peninsula espectadora do oceano e do Mediterraneo, podemos dizer da Iberia. Dum lado, ella viu as naves phenicias e carthaginezas, as triremes gregas, as galeras romanas, as fustas barbarescas e as naus dos cruzados. Assistiu ao desenvolvimento da civilização occidental em volta do mar interior, complicada de byzantinos, de barbaros e de arabes. Do outro, ella lançou as caravelas á face do mar Tenebroso para a conquista dos mundos novos e para a creação das patrias americanas.

Hoje, os seus tempos são passados. A anarchia dos espiritos a submerge. E Plinio, si a revisse, poderia exclamar: "Peninsula espectadora de revoluções."

O dr. Bianor Penalber, professor da Faculdade de Medicina e da Escola Normal de Belém do Pará, reúne, aos seus meritos scientificos, as qualidades de um brilhante homem de letras, de prestigio firmado em sua terra nortista. Por isso mesmo, a sua presença, neste momento, entre nós, tem despertado as mais expressivas homenagens de sympathia e apreço dos intellectuaes cariocas ao seu illustre collega paraense. O dr. Bianor Penalber, que é, tambem, nosso confrade de imprensa, publicou, recentemente, «A filariose no Pará», these com que, o anno passado, conquistou a cadeira de medicina tropical na Faculdade de Medicina do Pará.

DOIS AUTORES E UM LIVRO

Fernando Neves e Thalino Botelho são dois jovens escriptores que appareceram juntos no mundo das letras. Collegas e amigos, fazendo parte do mesmo circulo intellectual e tendo, por certo, as mesmas idéas a respeito do publico, quizeram ajudar-se mutuamente na penosa conquista da gloria e publicaram num mesmo volume dois trabalhos de feição diversa, mas de valor identico na estructura literaria. «Amor com amor se paga...» é uma comedia que Fernando Neves escreveu. «Demonismo», uma novella de autoria de Thalino Botelho. Paginas da vida real, movimentadas e interessantes. Observações amargas de dois espiritos moços e talvez inexperientes. Ninguem sabe qual dos dois trabalhos abre o volume, que não tem começo nem fim. Os autores occupam posições oppostas e vão encontrar-se no meio do livro, como dois despretenciosos sonhadores... E si aqui collocamos o sr. Fernando Neves em primeiro logar, é simplesmente porque o nosso clichê o mostra no alto, por cima do seu collega Thalino Botelho, que revela, como aquelle, apreciaveis qualidades de narrador e estylista.

Festejando, a 3 do corrente, a data nacional da Polonia, o sr. ministro Thadeu Grabowski offereceu, na noite daquelle dia, nos salões do Automovel Club do Brasil, uma recepção ao corpo diplomatico estrangeiro, ás altas autoridades brasileiras e á sociedade carioca. Antes da recepção, que se revestiu de grande brilho mundano, realizou-se um concerto organizado pela Sociedade Polono-Brasileira e ao qual emprestaram o seu concurso artistico distinctas figuras da nossa «élite».

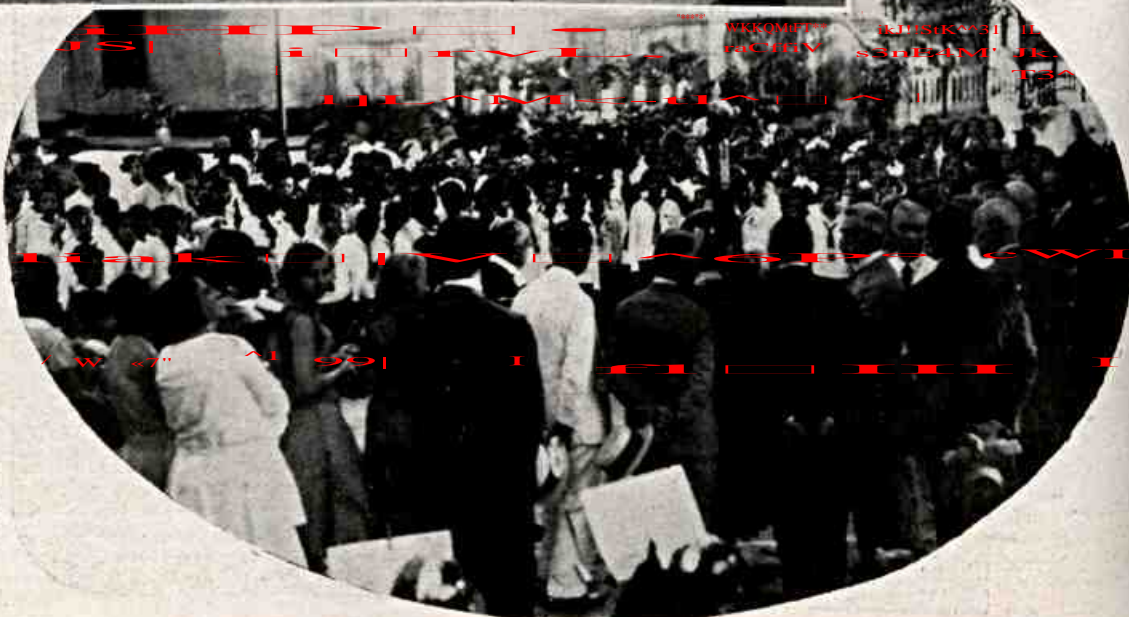
O CLUB NACIONAL E SUA NOVA SÉDE

O Club Nacional, cujo prestigio de sociedade elegante se vae consolidando cada vez mais nos circulos *raffinés* da nossa *élite*, transferiu a sua séde do 12.º andar do edificio do Odeon para os altos do Palacio Theatro, á rua do Passeio, 40, alli occupando o primeiro e o segundo pavimentos, com installações mais luxuosas e maior confor-to para os seus mill e tantos associados.

Hoje á noite, o Club Nacional inaugura a sua nova séde, tendo a sua illustre e esforçada directoria, com os drs. Pinto da Rocha, Mario de Britto e Antonio de Oliveira Castro á frente, organizado para isso uma festa que será a nota deslumbrante desta noite de maio.

Iniciará a reunião festiva do Club Nacional uma hora de arte, com a apresentação do "Grupo das Patativas" (composto de figurinhas galantes da nossa sociedade) e do "Bloco da Lua", que o conhecido violonista Josué de Barros dirige. Terminada essa parte, seguir-se-á o baile que o Club offerece aos seus socios e convidados, e que, a julgar pelos preparativos, resultará num legitimo e imponente successo mundano, digno do bom nome do Club Nacional, cujas victorias continuarão, ali, mais cheias de esplendor e mais completas.

FLORIANO PEIXOTO

A data do anniversario natalicio do marechal Floriano Peixoto foi, este anno, como, aliás, sempre acontece, relembrada pelo Grêmio Floriano Peixoto, com a solennidade que se realizou na penultima quinta-feira, junto ao exemplar de páo-ferro existente na Quinta da Bôa Vista, alli plantado a 2 de Julho de 1895, ao ser trasladado da actual Praça Argentina (então Visconde do Rio Branco), o corpo embalsamado do Marechal de Ferro.

A NOVA ORTHOGRAPHIA

Em sessão especial, que se realizou quinta-feira penultima, sob a presidencia do ministro da Educação, dr. Francisco de Campos, a Academia Brasileira de Letras assignou o accordo orthographico estabelecido entre a illustre companhia e a Academia das Sciencias de Lisbôa, que, por sua vez, firmou, solennemente, na capital portugueza, identico pacto em presença do representante da Academia Brasileira e do nosso governo, embaixador José Bonifacio. Na solennidade aqui realizada, representaram o governo portuguez e a Academia das Sciencias de Lisbôa, respectivamente, os srs. embaixador Duarte Leite e o escriptor Carlos Malheiro Dias. Houve apenas tres discursos: o do sr. Malheiro Dias, que falou em nome da Academia de Lisbôa; e os dos academicos brasileiros Afranio Peixoto e Medeiros e Albuquerque. A nossa pagina fixa tres detalhes da cerimonia, vendo-se o ministro Francisco de Campos ladeado pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, dr. Fernando de Magalhães, e pelo embaixador de Portugal, e ali representando o governo brasileiro, o escriptor Carlos Malheiro Dias discursando, e um aspecto da assistencia que enchia o salão nobre do Petit Trianon, na tarde de 30 de abril.

Flirtações

AINDA é muito cedo para assegurar a victoria do rapaz; mas parece que *madame* vae...

Elle tem persistencia e confia na realização do seu sonho.

Ella, a principio, parecia não ligar ao rapaz; entretanto, cedeu, respondendo-lhe aos cumprimentos, trocando as primeiras palavras a medo, e já acceitou o convite para um chá marcado para uma tarde menos castigada pelos rigores do sol...

Estamos maravilhado, pois *madame*, por longo tempo, conseguiu passar por ser a dama mais reservada que frequentava a elegante praia.

Especie de symbolo da Virtude, perdido na areia fulva, a sua belleza despertava cobiça, mas muita gente bôa foi *barrada* na primeira tentativa de aproximação.

Venceu o mais teimoso.

Si *madame* acceitou o chá, acaba acceitando o convite para um passeio de automovel, para uma sessão de cinema, e temos conversado...

♣

O tenente ficou atrapalhado, o outro dia, quando batia a calçada fronteira de certo *bungalow*.

E' que, no melhor da festa, appareceu o capitão, animado dos mesmos propositos do seu inferior...

A janella ao lado fechou-se repentinamente e o *bungalow* parecia inteiramente abandonado pelos moradores.

O tenente deu meia volta, batendo em retirada, marcha forçada...

O capitão ficou ainda algum tempo, rondando a *ginestra*; mas, notando que perdia o seu precioso tempo, partiu tambem, um tanto desconfiado...

E não mais appareceram os dois militares pelas immediações do *bungalow*.

Será que um anda com medo do outro?...

♣

NÃO ha razão para desesperar... O rapaz voltará, garantimos; é uma questão de tempo.

A viagem pode durar mezes, como poderá entrar pelos annos a dentro, mas, elle voltará.

Quem se acostuma ao bulicio das calçadas da Avenida, á vida mundana do Rio, não se conforma com

Nelson, galante filhinho do casal Guilherme Pinheiro - Helena Klunge Pinheiro.

o captiveiro da pasmaceira das cidades de provincia.

Elle bebeu a agua carioca e está fatalmente preso ás bellezas da Guanabara.

Por isso, voltará: é uma simples questão de tempo. Não vale, pois, a pena *mademoiselle* desesperar...

Nadir e Celia, filhinhas do sr. Basileu Estrella e de d. Andrelina Cabral Estrella, residentes em São Paulo

Agora, si elle retornar solteiro, isso é outra questão.

Pode ser que sim, pode ser que não...

Depende de sorte.

Si descobrir uma rapariga rica, voltará casado, porque elle está cansado de ser pobre, como diz aos amigos...

Mademoiselle não offerece o attractivo do dote, e a belleza, hoje em dia, não basta.

O rapaz sonha com um *bungalow* e outras coisas agradaveis para viver regaladamente.

O melhor é não alimentar illusões, nem esperar pela volta do rapaz.

E' tratar de arranjar outro que o substitua com vantagem...

Não deve perder tempo em acceitar o nosso conselho, sabio e desinteressado.

♣

O sympathico e joven casal L... está novamente brigado. Desta vez, parece que o caso é serio.

Tambem não era para menos.

A esposa, pela segunda vez, surprehendeu o marido em colloquio com uma dama fóra do nucleo de suas relações.

Uma dama desconhecida e mysteriosa, que a esposa ciumenta não conseguiu identificar.

O marido embrulhou e nada explicou...

Houve a classica scena de chôro; a sogra compareceu para complicar ainda mais a situação e carregou com a filha, tal qual como da primeira vez.

Agora, elle está sob a terrivel ameaça de um divorcio, pois a esposa offendida assim o quer.

Vendo as coisas mal paradas, o grande pandego procura, como da vez passada, as bôas graças do sogro para representar o papel de intercessor.

E acreditamos que tudo será resolvido a contento das partes interessadas, porque genro e sogro se entendem perfeitamente, pois rezam pela mesma cartilha...

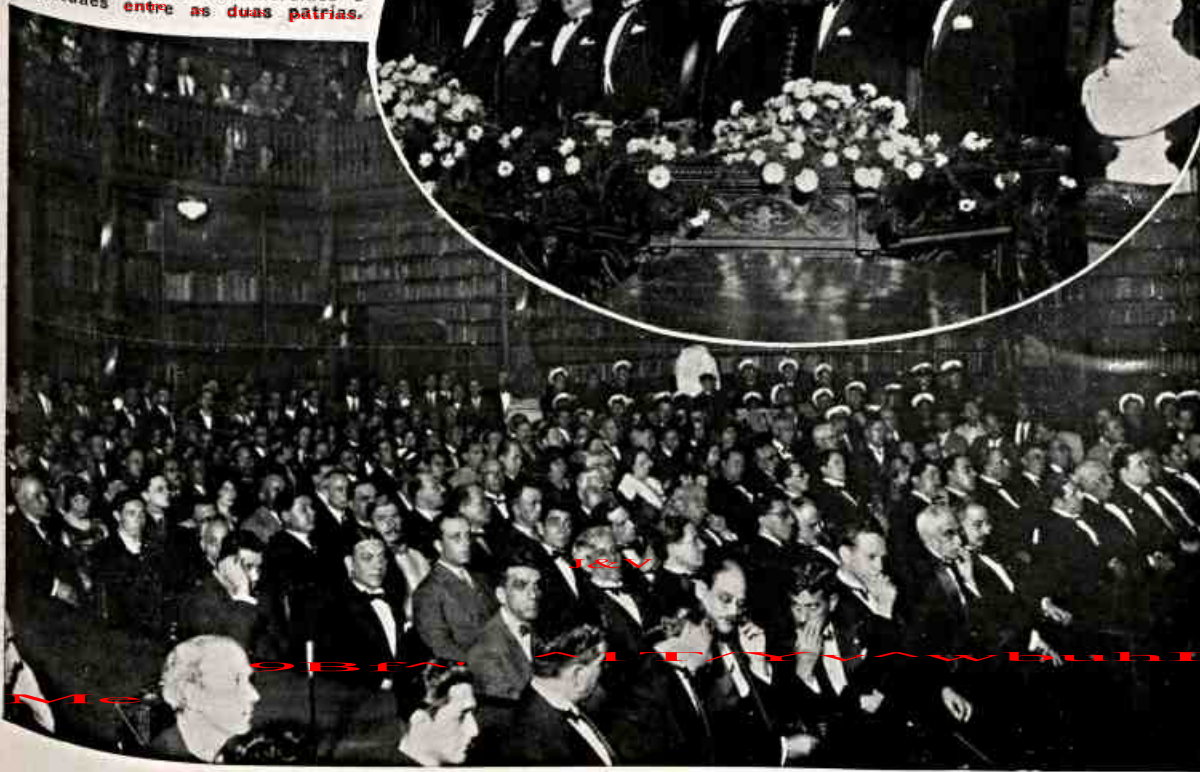
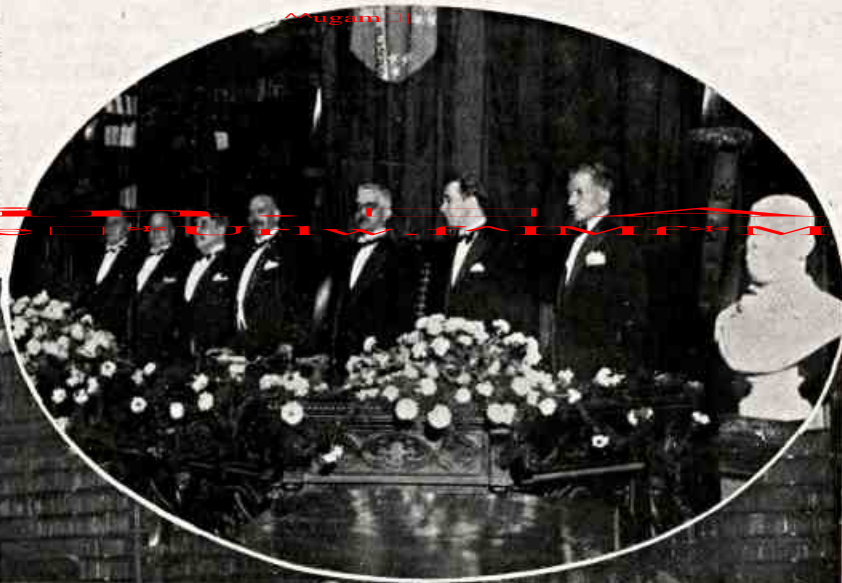
A borrasca será de curta duração.

A sogra concordará, certamente, em levar a filha á graciosa gaiola de onde desertou.

Segundo acto de uma divertida comedia que, para não fugir á regra, deverá terminar depois de nova scena...

Então, sim, ella será *finita*.

O chefe do governo provisorio da Republica, dr. Getulio Vargas, recebeu, segunda-feira á tarde, no palacio do Cattete, os membros da Commissão Legislativa encarregada de estudar os planos de «revisão e reconstituição das normas reguladoras da nossa vida social», conforme frizou, no seu discurso, proferido na solennidade, o interprete dos juristas presentes, professor Eduardo Spindola. Perante o dr. Getulio Vargas, que se achava acompanhado de todos os seus ministros de Estado ora nesta capital e de outras altas figuras do governo provisorio, foram, assim, installados os trabalhos da referida Commissão, que na photographia acima apparece ladeando o presidente da Republica e seus auxiliares.

No Real Gabinete Portuguez de Leitura, inaugurou-se, na noite de 3 do corrente, o Primeiro Congresso dos Portuguezes no Brasil, com a assistencia dos representantes do chefe do governo provisorio, do sr. ministro das Relações Exteriores e do sr. interventor do Districto Federal. O Congresso propõe-se conseguir a federação das associações de beneficencia e de soccorro mutuo portuguezas existentes no Brasil e de incentivar as relações commerciaes e intellectuaes entre as duas patrias.

alto fallante

O dr. Helvecio Lopes é um estudioso do direito, que tem publicados alguns trabalhos de valor sob o ponto de vista brasileiro. São de sua autoria os livros «O problema do divorcio na legislação brasileira» e «Alguns aspectos do Direito Operario», recebidos com grandes elogios pela critica. Agora, acaba de lançar o seu novo livro «Os accidentes do trabalho e a jurisprudencia dos tribunaes brasileiros», obra que revela profundo conhecimento da materia, e que, por certo, alcançará merecido exito.

AS GRANDES FIGURAS DO CONTINENTE

BOLIVAR

SYLVIO Julio, esse nobre e culto espirito que sempre admirei, acaba de publicar mais um livro, a que intitulou "Cerebro e coração de Bolivar". Recebi-o com o prazer com que sempre acolho suas novas producções. E essa, a que me venho referindo, é um trabalho de alta cultura, um trabalho de historiographo e de critico em torno de uma das figuras mais proeminentes que já actuaram no scenario da vida sul-americana.

Não é um simples "perfil", sem amplitude e sem projecção, o que traça Sylvio Julio, neste seu livro, sobre um vulto como o de Bolivar — que centraliza e irradia, em certo momento da vida sul-americana, o fecundo dynamismo de um idealismo nobre e redemptor, qual o que marcou, no continente, o movimento de emancipação politica de varios paizes, e de que o Libertador foi o grande paladino.

Expressão cultural das de maior remarque na nossa nova geração intellectual, Sylvio Julio que, ha pouco ainda, nos deu uma obra como "Fundamentos da poesia brasileira", com este primeiro volume, em que estuda o cerebro e o coração de Bolivar, promette-nos, para breve, o segundo, com que completará o seu trabalho, e que se intitulará — "Alma e braço de Bolivar". No primeiro, estuda o homem de intelligencia illuminada, cheio de idealismo e de sentimento, a avultar e projectar sua individualidade de eleição num meio em que só uma figura de excepção, como a sua, poderia assumir as proporções a que attingiu. No segundo, o homem de acção e de fé, o guerreiro, o cavalleiro "sans peur et sans réproche".

Em "Cerebro e coração de Bolivar", cujas ultimas paginas acabo de ler, "de corrida", o illustre americanista (pois Sylvio Julio é, sem favor, a maior autoridade em estudos ibero-americanos que possuimos, no momento), antes de apreciar os factores politico-sociaes que mais contribuiram para a obra da independencia americana, estuda o meio e as raças que o constituiram, para, a seguir, começar a traçar em relevo, naquelle momento historico, a nobre figura do Libertador.

Não me permittindo o exiguo espaço desta secção mais ampla apreciação a respeito desse notavel trabalho de Sylvio Julio sobre Simon Bolivar — obra que o governo da Venezuela, espontaneamente, premiou com 12 contos de réis — sirvo-me para, em outra opportunidade, melhor dizer do seu valor.

Antes, porém, aqui deixo ao querido Sylvio Julio, com o meu abraço amigo, a expressão da minha admiração pelo seu espirito e pela sua obra.

MAX LINDEN

Com a recente publicação de «A Nova Republica», Amador Cysneros — o illustre autor dessa obra interessante e util — se nos affirma um ensaista culto e criterioso, servido por uma visão aguda e concreta dos acontecimentos politicos desenrolados no nosso paiz em consequencia do movimento revolucionario de outubro ultimo. Como documentação historica, esse trabalho — o primeiro de uma serie que o autor se propõe a escrever — é de uma utilidade que dispensa maiores encomios. Leiam-no os estudiosos das coisas brasileiras, da nossa actividade politica, social e juridica, porque o livro de Amador Cysneros, com ser uma obra de palpitante actualidade, é, tambem, valioso documento da vida publica nacional.

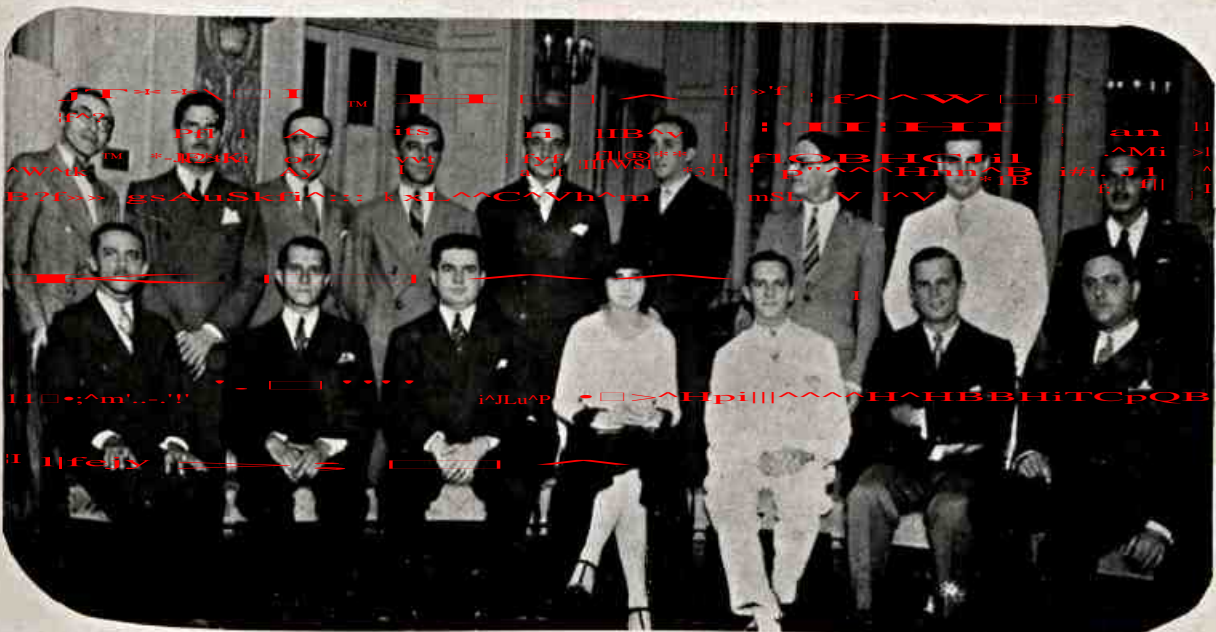
Dr. Renato Moraes, que acaba de ser homenageado com um almoço, promovido pelos seus collegas e amigos, por motivo de sua promoção ao cargo de secretario do Instituto Sete de Setembro.

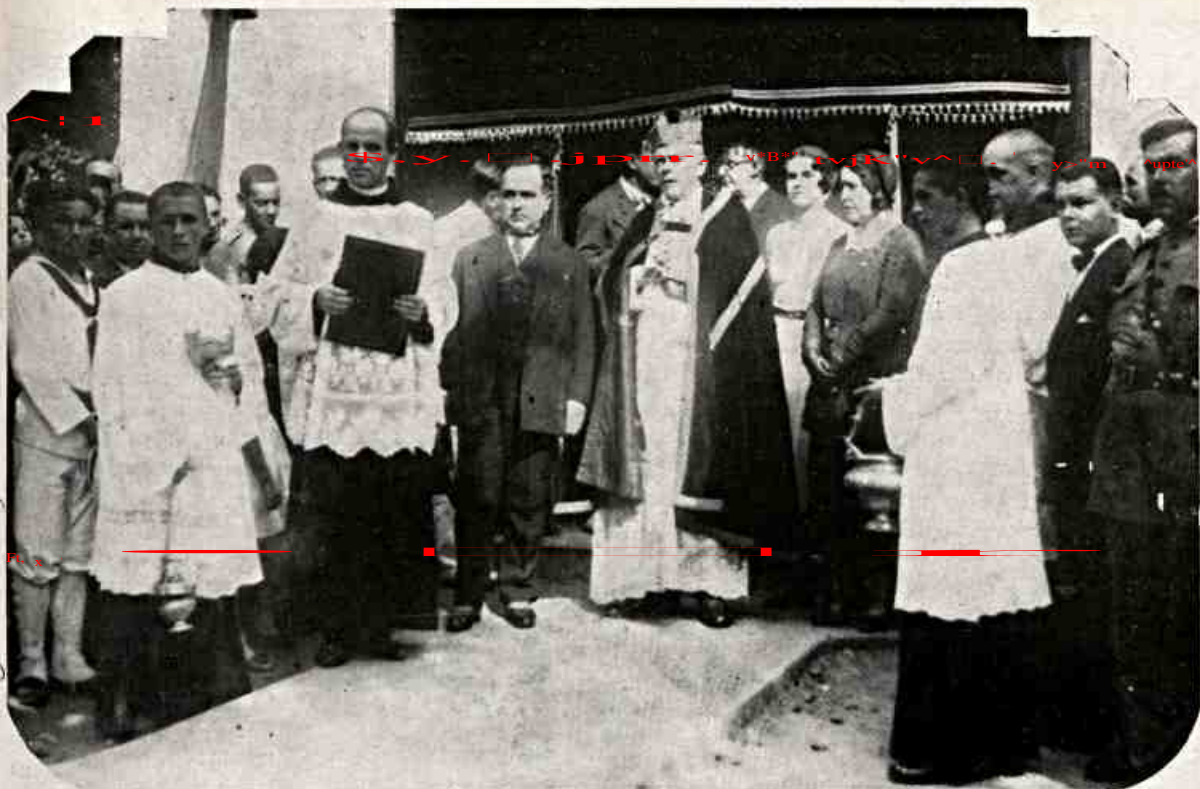
O illustre compositor patricio Henrique Oswald acaba de ser festejado por motivo da passagem de seu 79.º anniversario, tendo recebido uma série de homenagens promovidas sob os auspicios da Associação Brasileira de Musica e levadas a effeito em varios dias, conforme o programma para esse fim organizado. Na penultima sexta-feira, 1.º do corrente, realizou-se, na Cathedral Metropolitana, a missa em acção de graças que encerrou essas commemorações e que foi assistida por elevado numero de amigos, collegas e admiradores daquella eminente figura do nosso mundo musical.

FILIGRANAS

Frederico, o Grande, rei da Prussia, que se dizia impio e se apregoava philosopho, foi, por sua vontade, sepultado em Potsdam, no meio dos tumulos do seu cavallo de guerra e de seus cães de caça. A proposito, Chateaubriand escreveu: «Ce royal impie avait marqué sa sepulture auprès d'eux, moins par mépris des hommes que par ostentation du néant.»

Quero crêr que Frederico, que tinha longa e profunda experiencia da alma humana, fez isso para ter na morte companheiros quadrupedes mais fieis do que os bipedes, capazes de traição e infamia até no além.

A mim, si me perguntassem si queria ser enterrado entre homens ou entre cães e cavallos, responderia preferir a companhia funeraria dos u'timos...

Os engenheiros civis da turma de 1925 da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro commemoraram festivamente o quinto anniversario de sua formatura, reunindo-se em um jantar de cordialidade, quarta-feira penultima, no Automovel Club do Brasil.

Realizaram-se, sabbado ultimo, nesta capital, os funeraes das victimas da grande explosão da Directoria do Armamento. Tiveram extraordinaria concorrencia, revestindo-se, por isso, de imponencia invulgar. Antes do sahimento fúnebre, do Arsenal de Marinha, o arcebispo do Maranhão, d. Octaviano de Albuquerque, celebrou, na sala de armas do Arsenal, a cerimonia da encommendação dos corpos. Esse acto de piedade christã foi assistido pelo chefe do governo provisorio e senhora Getulio Vargas, pelo ministro da Marinha, almirante Conrado Heck, e outras altas autoridades. São flagrantes das duas cerimonias o que fixam as photographias desta pagina.

FILIGRANAS

Côxo, hypocrita, astuto e traidor, o principe de Talleyrand era, no emtanto, um homem de finissimo espirito. Foi elle quem disse que quem não conheceu a vida em França, antes da Revolução, não conheceu a delicia de viver.

O mundo, seculo a seculo, tem vindo peorando. Cada dia que se passa, a existencia se torna mais dura, mais difficil, mais pesada. De momento a momento, a miséria augmenta, as inquietações crescem, as preoccupações se avolumam e o viver se torna em agonia.

A phrase do principe de Benevente continúa verdadeira e applicavel a todas as patrias, no momento presente: quem não conheceu a vida antes do nosso tempo não conheceu a delicia de viver...

O chefe do governo provisorio e senhora Getulio Vargas, acompanhados de s. ex. revma. d. Octaviano de Albuquerque, arcebispo do Maranhão, deixam o Arsenal de Marinha, após a cerimonia religiosa da encommendação dos corpos dos operarios victimados na catastrophe da Armação, alli realizada na manhã de sabbado ultimo.

Visões impressionantes

A arte tragica numa

QUINTA - FEIRA penultima, a cidade começava o tumulto quotidiano da sua vida vertiginosa, onde a alegria e a dôr se enlaçam num mesmo rythmo de soffrimento, quando foi sacudida pela repercussão de um estrondo que vinha de longe e cujo fragor chegava até aqui um pouco abafado pela distancia, mas nem por isso menos poderoso nas suas formidaveis proporções.

Os ouvidos que sentiram, em todos os bairros, o ruido colossal, aguçaram-se um momento, e a curiosidade ergueu a cabeça impaciente na conjectura de uma grande catástrophe ainda ignorada.

Eram pouco menos de nove horas da manhã.

Momentos depois, se conheciam as causas e os effeitos do estrondo: na Directoria do Armamento do Ministerio da Marinha, localizada na ponta da Armação, em Nictheroy, occorrêra uma explosão que levára pelos ares varios edificios, em cujos escombros ficaram sepultadas dezenas de operarios que ali trabalhavam na fabricação de munições de guerra.

E os detalhes foram chegando á medida que o dia avançava e os espiritos penetravam na investigação da tremenda desgraça que enlutára tantos lares, destruindo-lhes os chefes humildes e honestos. Si a imaginação creára scenas consternadoras, a realidade mostrava quadros dantescos sob aquellas ruinas fumegantes, que enguliam corpos mutilados, abafando gemidos dolorosos e amargas supplicas insatisfeitas na hora precisa, pela impossibilidade dos soccorros.

A calamidade fôra bem maior do que, a principio, se imaginára. Suas consequencias imme-

(Illustração de Pampanoli, especial para FON-FON)

do sinistro da Armação

reportagem de dôr

tes tinham attingido proporções tetricamente assustadoras. Porque, além do numero de victimas, que se aproximava de meia centena, os prejuizos materiaes haviam sido excepcionaes, desfalcando em muito a nossa Marinha de Guerra, tão castigada pelas surpresas do destino.

Afinal, como tudo, na terra, pertence ao dominio da fatalidade, e não é possivel reparar o irreparavel, só nos resta, fazendo este registo, lamentar o sacrificio de tantas vidas immoladas á propria vida, e a orphandade de tantos lares cujos chefes desappareceram subitamente, tragicamente, nos escombros a que ficaram reduzidos os edificios arrazados na ponta da Armação.

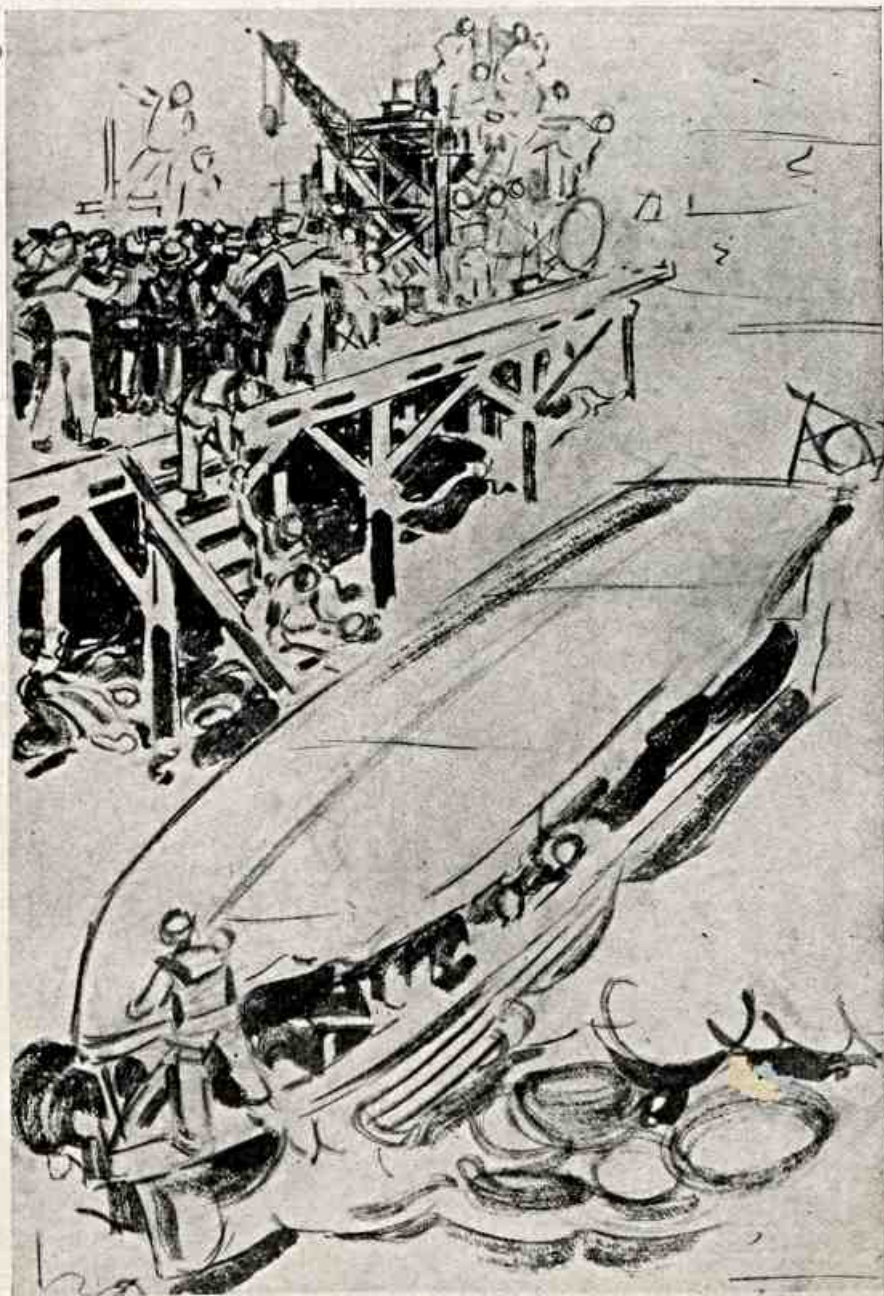
*

Não é possivel, numa nota apressada, fazer a descripção da catástrophe da ponta da Armação. Juntaremos, entretanto, aqui, algumas informações que possam, de qualquer fórma, interessar aos leitores de FON-FON.

Começaremos, assim, focalizando o local do sinistro, ou sejam os edificios da Directoria do Armamento da Marinha. Tudo isso fica á beira mar, contornando a enseada da Armação.

Varios edificios de construcção antiga ali se erguem, e nelles funccionam, além da Directoria do Armamento, as officinas de machinas, de artilharia, carpintaria, paiol de artilharia, deposito de artilharia, officinas de galvanoplastia, caldeireiros de cobre e de ferro e carregação de oxygenio.

A residencia do director occupa um edificio mais afastado, denominado "Palacete do Almirante".

Trabalhavam em todas essas officinas, diaria-

(Illustração de Pampanoli, especial para FON-FON)

(Illustração de Parpannoli, especial para FON-FON)

mente, mais de quatrocentos operarios, inclusive aprendizes.

Ali se fabricava o material bellico destinado não só á Marinha de Guerra, mas tambem á Escola de Aviação Naval.

Na manhã da explosão, todos esses humildes obreiros estavam no seu posto, ganhando afanosamente o seu pão e o pão de sua familia. O serviço começára á hora de sempre e proseguia normalmente.

Um grupo de operarios procedia ao preparo final de um torpedo

E produziu-se a tremenda desgraça, que retalhou milhares de corações e levou o luto e a miseria a dezenas de lares humildes.

F o r a m arremessados longe, com a explosão, telhados e pedras, barras de ferro e outros objectos pesadissimos que só uma grande força poderia mover. Dahi a repercussão formidavel do sinistro, e as suas horrorosas consequencias.

A n o s s a população, num mesmo gesto de commovedora p i e d a d e.

Os telephones da Marinha e dos jornaes começaram, então, a f u n c c i o n a r intensamente, quasi poderiamos dizer desesperadamente.

Os operarios que, milagrosamente, conseguiram escapar com vida, levemente feridos ou apenas contrafeitos pelo terror, fugiram, espavoridos, do local sinistrado, prevenindo-se, assim, contra novas explosões, que, felizmente, não se deram, mas que poderiam sobrevir.

Os primeiros soccorros chegaram momentos de-

retirada e remoção de cadaveres mutilados e operarios feridos.

Tambem um contingente do Corpo de Bombeiros desta capital auxiliou os seus denodados collegas da capital fluminense.

Penosissimo e angustiante foi o trabalho de desentulho dos escombros, que offerecia, a cada instante, as scenas mais dolorosas, mais tragicamente dantescas. Sob volumosas m a s s a s de pedra que iam sendo levantadas, aqui e ali, a p p a r e c i a m verdadeiros

pó, quasi sempre em frangalhos. Um b r a ç o, uma perna, uma cabeça surgiam a cada momento, para augmentar o impressionante, e tristissimo espectaculo da hora matinal.

Por isso mesmo, a identificação dos cadaveres se tornou bem difficil, e bem difficil, por isso, a recomposição dos corpos estraçalhados pela violencia da explosão.

Os mortos e feridos encontrados no dia do sinistro subiram a algumas dezenas, que foram, nos dias seguintes, acres-

e os feridos mais graves operados pelos cirurgiões da Marinha.

Tal foi, em linhas rapidas, a catastrophe que teve por theatro a ponta da Armação, em Nictheroy, e que ainda hoje ecôa lugubremente no espirito e no coração do nosso povo sentimental e bom.

* * *

O a r t i s t a argentino Parpannoli, que se acha de passagem por esta capital, e que, residindo em Nictheroy, nas proximidades da Directoria

aereo, quando, talvez por uma fatal distracção, que a previdencia humana não póde evitar, occorreu a formidavel explosão, cuja violencia sacudiu não só a vizinha capital, mas quasi todo o Rio de Janeiro.

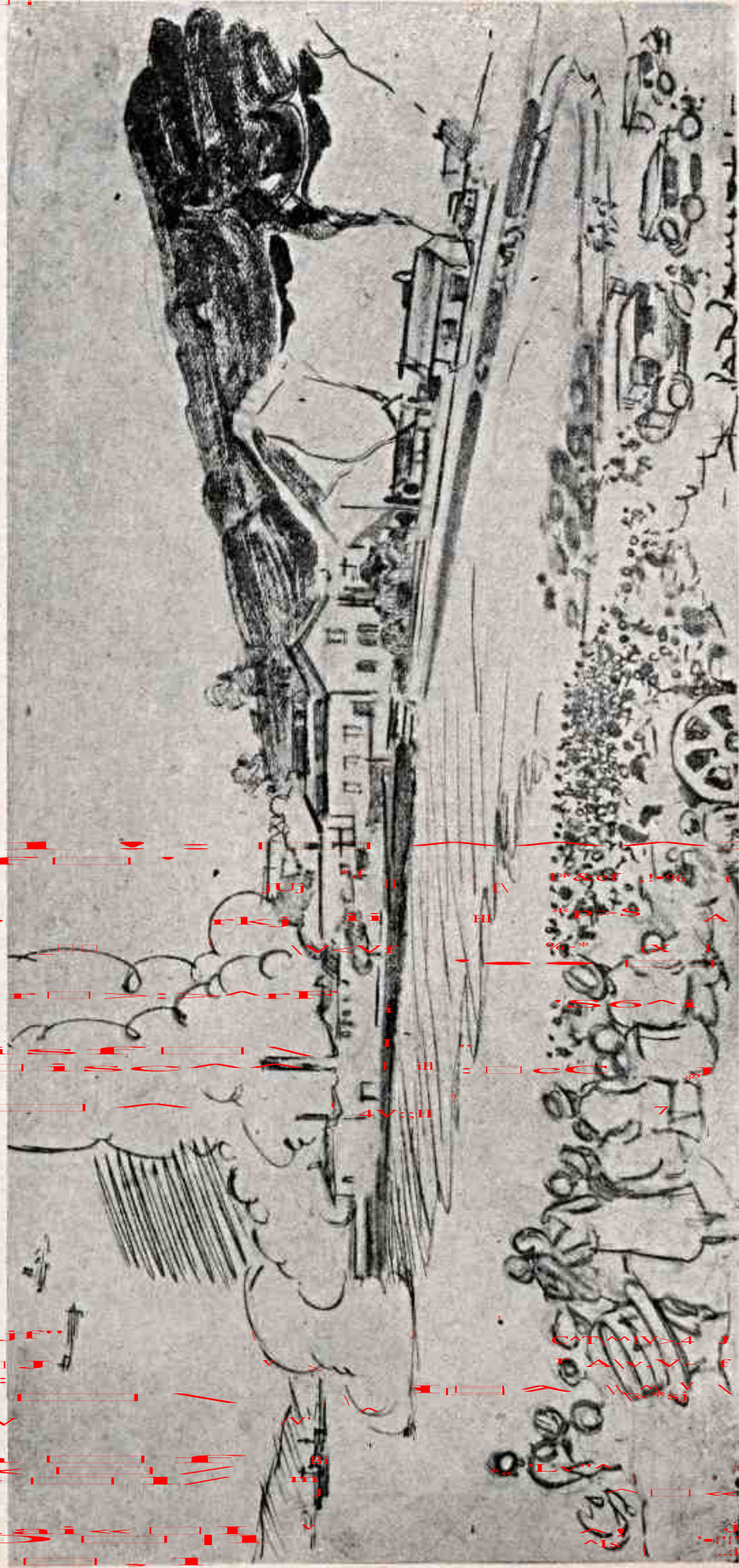
procurou logo, no atropelo das primeiras noticias, colher melhores informações da catastrophe, afim de prestar ás victimas a assistencia moral da sua consternação e os soccorros de que pudesse dispôr.

pois, levados pela companhia de Bombeiros de Nictheroy, que foi tenazmente auxiliada por marinheiros e soldados da policia fluminense mandados para o local ainda a tempo de prestar relevantes serviços na

farrapos humanos, que os olhos mais indifferentes não poderiam ver sem uma contracção de dôr. De vez em quando, um corpo ainda com vida, contorcendo-se nos espasmos da agonia, vestes cobertas de sangue e de

cidas de novas victimas, removidas em lanchas para o Hospital Central da Marinha, na ilha das Cobras, á medida que iam sendo retiradas dos escombros.

Ali, os cadaveres eram recolhidos ao necroterio

do Armamento, assistiu ao desenrolar da tremenda desgraça, desenhou especialmente para FON-FON os lances mais tragicos dessa hora macabra, e que hoje publicamos, illustrando estas linhas.

(Illustração de Parpannoli, especial para FON-FON)

BILHETE...

De Conchita Cid

"Ely. — Ha meia hora, num impeto de revolta, rasguei a tua pobre declaração de amor. Pobre, em todos os sentidos. Pobre de espirito, pobre de grammatica, pobre de gosto... Phrases que se atropelavam sem piedade... Uma lastima! Orgulhosa, princeza altiva, o meu primeiro movimento foi de desprezo. Um plebeu se atrever a tanto! E rasguei o papel insultuoso... Mais tarde, os labios desdenhosos da soberana se entreabriram num sorriso penalizado. Ella sorria da tua ingenuidade... Julgas que é assim, num papel de venda, que se conquista um coração de mulher? E, juntando os fragmentos dispersos, eu reli.

O amor ingenuo que me offerecias, usando das phrases do Secretario dos Amantes... Um amor ingenuo, puro, de criança... Recordei Vargas Villa "el amor fuera de la carne, es la estimación, no es el amor..."

E sorri outra vez ao teu amor respeitoso... A época, Ely, não comporta platonismos. E' preciso a gente amar depressa e sem aperitivos...

Antigamente, eram precisos gestos cavalheirescos, aventuras romanescas para conquistar uma mulher. Hoje, um presente e uma bella phrase produzem o mesmo effeito. Ás vezes, ante um physico seductor, a mulher se rende sem esperar a phrase approximativa. Outras vezes, á vista de pedrarias e joias, fechando os olhos e cerrando os ouvidos, ella se entrega ao homem que o seu instincto repelle...

Aprisionemos o tempo, Ely! Vês? Como não te desejo, improvisei-me tua amiga. E te aconselho como Geraldy: "Queres guardar-te para a mulher que has de amar? Não ha melhor maneira de desagradal-a.

As mulheres não gostam de principiantes..." O tempo voa. Aprende tu tambem a voar sobre as mulheres. E serás, na vida, mais um victorioso do amor.

Um aperto de mão da *Lara*".

O cirurgião brasileiro professor Brandão Filho, cujos trabalhos scientificos acabam de ser elogiados na Academia de Sciencias de Lisbôa pelo dr. Sabino Coelho.

Um aspecto da nova sala de operações do serviço do prof. Brandão Filho, na Santa Casa, por occasião de ser alli praticada uma anesthesia pelo protoxydo de azoto com um novo apparelho americano.

"Madame Satan"

Producção "Metro Goldwin Mayer"

Com: Kay Johnson
Reginald Denny
Lillian Roth
Rolland Young

Um mysterio diabolico era aquella mulher.

— Amor não se conserva em geladeira!

Angela Brooks estremeceu. Nunca esperara que Bob Brooks, o seu sympathico marido, lhe dissesse tal desaforo. Ella, uma esposa cuidadosa, desvelada... quasi seductora, merecer tal phrase do esposo, ser accusada de mulher fria! Tudo porque descobrira que elle tinha uma "amiguinha" que ella desconhecia e porque ella, aborrecida com o facto, se negara a acompanhal-o ao theatro.

O facto, porém, é que a discordia entre marido e mulher continuou a tal ponto que ficou resolvido que elle ou ella abandonaria a casa. Não poderiam viver mais daquelle modo. Elle sempre a queixar-se de que só poderia encontrar prazer fóra de casa, ella a confessar-se a mulher mais desgraçada do mundo.

Ambos sahiram de casa. Angela Brooks por ultimo.

— Vou lutar pela minha felicidade! — disse ella á sua bôa criada, quando esta, espantada, a viu com a maleta na mão, já a sahir de casa.

* * *

De sua casa, Angela correu para o apartamento de Trixie, a "amiguinha" do esposo, de quem este lhe falara como sendo a esposa do seu amigo Jimmy Wade. Como este se encontrasse no apartamento de Trixie quando Angela lá appareceu, e sabia que era preciso fingir que Trixie era, de facto, sua esposa, ha um "embroglio" terrivel, porque Trixie é de genio facilmente irrita-

A serpente do Paraiso realizava a sua obra.

Um leilão de mulheres formosas. Escolhes qual?...

vel e não se quer submetter ao papel de fingir-se esposa de Jimmy Wade. Tudo se arranja bem, entretanto, e Angela finge acreditar que Trixie é a esposa de Jimmy Wade. De posse da certeza, entretanto, de que o marido lhe fôra infiel, e certa de que era preciso ganhar os predicados que ella nunca tivera até então, os unicos predicados que o marido apreciava — justamente aquelles "predicados" que eram os muitos defeitos da apimentada Trixie — Angela decide, de facto, mudar sua conducta..., e ir para a luta pela felicidade!

* * *

"James Wade roga a honrosa presença de vossa senhoria no baile de mascaras a bordo do "Zeppelin C. V." — P-5ü North Field.". — Assim rezava o convite que varias centenas de creaturas haviam recebido do riquissimo James Wade. A' meia noite, por isso, começou a chegar á ponte de amarração do formidavel Zeppelin toda uma legião de gente alegre. No meio dessas creaturas, lá estão, sempre inseparaveis e aos beijos, Trixie e Bob Brooks, que ignorava o paradeiro da esposa. A festa tem inicio em meio das mais ruidosas surpresas. De repente, James Wade annuncia a mais estrondosa de todas: o leilão das seis mais bellas mulheres do mundo. E apresenta-as, então, á multidão, que enchia o salão principal do nababesco Zeppelin. Entre as seis eleitas está Trixie, maravilhosa e provocante, vestida... ou despida, como um faisão dourado. Para Trixie são os maiores lances. Quando ella está a ponto de ser arrematada, entretanto, ouve-se uma voz cálida, envolvente, exclamar: "Aguardem a chegada de madame Satan"!

Voltam-se todos, espantados. Ao alto da escadaria principal está uma mulher maravilhosa, coberto o corpo fino e flexivel, com um colleante manto todo em negro e ouro. E' madame Satan.

A estranha creatura, para desespero de Trixie, vê Bob Brooks, que já compral-a no leilão, atirar-se aos pés da recem-chegada e multiplicar muitas vezes o seu lance. Madame Satan, entretanto, impõe sua vontade; exige que Bob Brooks eleve sua proposta. E' arrematada, por fim. E madame Satan canta, então; explica que vem do inferno, seduzir os homens da terra.

Bob, allucinado, exige que ella tire a mascara. No seu delicioso sotaque de franceza, entretanto, ella lhe nega essa felicidade. Já agora é toda uma centena de homens que se lhe prostra aos pés, vencidos pelo diabolico feitiço daquella mulher que ninguem conhece, cujo nome ninguem poderia adivinhar.

Em flagrante!

"Paixão de Mulher"

Film da FOX, com

Jeanette MacDonald e *Reginald Deny*

Um homem!... Um homem!...

CARLOTA MAUSON é uma cantora lyrica que apaixonou o publico. Os seus admiradores contam-se aos milhares. Na noite em que ella cantou divinamente "Tristão e Isolda", os applausos tocaram o auge e os seus apaixonados cercaram-na de manifestações calorosas, a que ella correspondia com o seu temperamento irrequieto e desamoravel. Parecia que a formosa cantora não tinha coração.

Ora, precisamente na noite do seu grande triumpho, quando ella repousava no seu ninho de rendas, dormindo profundamente, entrou-lhe no quarto, a horas mortas, um homem audacioso, o gatuno Barney McGann. Carlota desperta e o seu primeiro desejo, horrorizada com a presença daquelle homem, que lhe apontava um revolver, é gritar, pedindo soccorro. Barney dispõe-se a chloroformizal-a, para conseguir tranquillamente o seu desejo de se apoderar das joias daquella mulher formosa, quando Carlota tem a genial idéa de pronunciar o seu nome, informando o gatuno audaz da pessôa com quem estava tratando. Barney fica surpreso. Não se atreve a consumar o intento criminoso. Era um de seus mais apaixonados admiradores. Vira-a cantar todos os seus formosos trabalhos.

Em poucos instantes, Carlota comprehende a situação. Sabe que o dominará com a magia do seu canto e com a paixão do seu olhar. Convida-o para uma audição no dia seguinte e Barney, desarmado, perdido na suggestão daquelles lindos olhos, promette vir ouvil-a e despede-se bebendo-lhe nos labios frios a ambrosia desses beijos loucos.

Desse primeiro encontro nasceu uma grande, invencivel e louca paixão. Sem olhar a convenções sociaes, Carlota liga-se áquelle homem audacioso, que a seduzira pela sua coragem.

Barney não céde a Carlota no grau da paixão que os empolga. Não querendo viver inactivo junto da grande artista, procura tambem tornar-se um grande cantor, mas a sua voz sem educação, sem volume e sem cultivo, é uma cousa desagradavel, ingrata. Barney desiste de sêr um grande cantor, mas a sua situação de marido de uma grande cantora lyrica parece-lhe demasiado vexatoria. Como que lhe repugna o logar subalterno que irá ter junto da sua mulher.

Carlota, que se sente cada vez mais apaixonada pelo marido, resolve abandonar a sua carreira gloriosa, e os dois partem para uma encantadora viagem através a velha Europa, fazendo uma longa e romantica parada na Italia, terra de amores e devaneios.

Barney sente-se immensamente feliz, mas, passado pouco tempo, aquella vida tranquilla começa a enerval-o

O adeus da artista aos seus admiradores.

Carlota era uma mulher feliz.

a ponto de não poder ouvir a esposa cantar. Começa a desmoronar-se aquelle castello de venturas. As brigas diarias, as continuas rusgas entre os dois, tornam aquella vida insupportavel.

De luta em luta, de briga em briga, chegaram ao que era inevitavel: a separação.

Carlota volta ao palco. Na noite da nova estréa, ella tem o grande desconsolo de verificar que não é mais aquella grande artista de outróra. A' noite, quando recolhe ao leito e o somno a domina, um gatuno entra no seu quarto, armado. Por uma coincidencia tremenda, era Barney, que voltára á sua vida de aventuras e que ignorava a residencia da sua mulher.

Ao reconhecer-se, cahem nos braços um do outro, para nunca mais se separar.

Separação irreparavel.

O diabo não é
Monsieur:
é Madame!
MADAME SATAN
— o mais original e luxuoso dos films de
CECIL B. DE MILLE
Interpretação de
REGINALD DENNY
KAY JOHNSON
LILLIAN ROTH, etc.
QUINTA-FEIRA
PALACIO THEATRO
DA CIA. BRASIL CINEMATOG.
A Metro-Goldwyn-Mayer
REAL MAGESTADE DA TELA

O POETA APAIXONADO

GENOVEVO Berrinche cultivava a poesia com uma força de quarenta cavallos. Havia começado compondo felicitações para os carteiros e os officiaes barbeiros, e dahi passára a collaborar em uma revistinha de seu bairro, intitulada "A Abelha Microscopica". Depois collaborou em "O Abelhão Classico" e na "A Lanterna Apagada". O senhor Eulogio, seu pae, era um inimigo acérrimo de sua preciosa vocação.

— Melhor seria que elle aprendesse a pesar kilos de arroz e de assucar do que estar a encher os papeis de tolices! — dizia, furioso.

E não lhe faltava razão, por certo. O senhor Eulogio era um dos poucos paes que pensam criteriosamente a respeito do futuro de seus filhos. A mãe, no emtanto, orgulhosa pelo appareciemento do nome do filho de suas entranhas, em letras de fôrma, nas revistas, contradizia ao esposo com uma tenacidade excepcional:

— Que entendes tu de arte, Eulogio? Nosso filho tem o futuro cifrado na poesia... A poesia, Eulogio, ha de enchêl-o de gloria, de felicidade e de dinheiro.

Com tudo isso, Genovevo havia arranjado uma noiva. Era uma excellente joven, filha de um poderoso capitalista, homem de dura vontade, que consagrára quarenta e seis annos de sua vida vendendo metros de percal e de sêda, retirando-se, por fim, á vida pacata do lar com uma *pequena* fortuna que passava de tres mil contos.

Quando Quintiliana da Barcarola, que assim se chamava a joven, falou a seu pae de seu noivo, elle, que não sabia contrarial-a, lhe prometteu approvar aquelle noivado, desde que o rapaz lhe parecesse um homem de bem e trabalhador, embora mais pobre do que ella.

— Apresente-mo — disse-lhe — e eu procurarei lavrar a tua felicidade.

No dia seguinte, vestindo seu traje domingueiro, Genovevo Berrinche se apresentou ao autor dos dias de seu doce tormento. Sentado deante delle, o senhor Barcarola tomou a palavra:

— Quintiliana falou-me elogiosamente do senhor. Ainda mais: assegura que o ama com um amor de noiva pré-historica. E eu estou resolvido a approvar esse noivado, uma vez que, á primeira vista, o senhor me parece todo um cavalheiro.

— E' que o sou, senhor. Não o duvide.

— E muito trabalhador.

— Tambem não o duvide. Sou um trabalhador infatigavel.

— Em que se occupa o senhor? E' padeiro? Vendeiro?...

— Oh, não, senhor! Occupo-me em mistéres mais elevados: sou poeta.

— Poeta?!! O senhor é um desses bichos que dizem imbecilidades a torto e a direito, coisas sem pé nem cabeça?...

E, unindo a acção á palavra, continuou:

— Meu caro senhor: queira ter a bondade de apanhar o seu chapéo e sahir por aqui, que esta é a porta que mais directamente communica com a rua.

E Genovevo não teve outro remedio sinão sahir pela porta indicada.

— Oh, que grande imbecil! — exclamou, de si para si, quando já se achava na rua. — Prefiro perder seus milhões a sacrificar minha divina vocação.

O senhor Eulogio, ao ter conhecimento disso, gritou, dirigindo-se á sua mulher:

De José M. Braña

— Imagina, Pelagia, o que perdeu o bobalhão por causa dessa mania de escrever sandices! Não tinha eu razão ao dizer que elle lucraria mais pesando kilos de arroz e de assucar?

E, embora o bom Eulogio houvesse feito um verdadeiro sermão a seu extraviado filho, este fez ouvidos de mercador, e continuou escrevendo poemas, elégias e odes, para as revistinhas de seu bairro.

Um dia, quando menos o esperava, Genovevo viu surgir-lhe uma admiradora. Esta, que se intitulava uma menina candida, lhe escreveu uma carta ternissima, fogosa, capaz de commover o mais empedernido coração. Seu nome — Polydora Rodillo — pareceu maravilhosamente poetico a Genovevo. Este, encantado por ter, afinal, um admirador com saia e cabello *à la garçonne*, começou a dedicar-lhe poesias lyricas de uma espantosa melosidade. Em umas, lhe jurava um amor cheio de ternura; noutras, a convidava a transpôrem, unidos com doces laços, os bellos humbraes da felicidade...

Mas, eis que, numa tarde cinzenta — como diria o proprio Genovevo — se deteve um taxi na porta de sua casa, e desceram delle um cavalheiro com cara de poucos amigos e uma mulher de idade bastante avançada, a pelle cheia de rugas, os cabellos brancos e o corpo esqueletico. O cavalheiro disse querer falar com elle sobre um assumpto muito importante, e ambos foram recebidos por Genovevo, na salinha familiar. Uma vez installados, o cavalheiro de cara de poucos amigos tomou a palavra:

— Estou falando com o senhor Genovevo Berrinche, não é verdade?

— Sim, senhor.

Então, o cavalheiro, tirando do bolso do sobretudo um punhado de recortes de jornal, continuou:

— Sendo o senhor Genovevo Barrinche, é, por conseguinte, o autor destas declarações de amor dirigidas a minha irmã, a senhorita Polydora, aqui presente.

— Eu, senhor... — gemeu Genovevo, tremulo, olhando aquella mumia de saia.

— O senhor, com estas tolices, transtornou a razão de minha pobre irmã, que está loucamente apaixonada e jurou que, si não a deixassem casar com o senhor, se suicidaria, enforcando-se.

— E' que eu... — novamente gemeu Genovevo.

— O senhor, meu caro amigo, está na obrigação de casar-se com ella. O senhor ama-a loucamente!

— Não!

— Sim! Aqui estão suas declarações. Si não se casar por bem com minha irmã, se casará por mal! O senhor é o noivo; assim o declara; e promette-lhe leval-a ao altar. Neste caso, a lei nos ampara. Amanhã, ás onze horas, viremos buscál-o para ir ao Registro Civil. Depois, o senhor a levará para onde entender, que para isso será seu marido. E não esqueça que a lei nos ampára. Muito bôa tarde! Vamos, Polydora!

O cavalheiro de cara de poucos amigos e a dama mumificada sahiram com um ar de triumphadores olympicos. Ao ficar só, Genovevo, como que petrificado de assombro, irromperam na sala seus paes. O senhor Eulogio, falando a sua esposa, exclamava:

— Viste, Pelágia, o que lucrou elle escrevendo bobagens? Tenho ou não tenho razão dizendo que elle lucraria mais pesando kilos de arroz ou de assucar?

HISTORIAS DE ANIMAES

TRISTEZA DE CÃO

EU:

— Por que, quando me lambes a mão com que te acabo de dar de comer, ficas com esses olhos tão tristes?

Meu cão:

— Estou pensando... Estou pensando que um homem quando sabe bancar o cão, fica rico. E um cão, quando muito, só consegue comer todos os dias.

*

O PUMA COMPASSIVO

O puma comeu uma cabra, e, á sobremesa, devorou tambem seu cabrito.

O papagaio, espião da selva, levou a noticia ao governador, que era o tigre.

Este mandou chamar o puma á sua presença. Perguntou-lhe:

— Por que você comeu tambem o cabrito? Não sabe que a lei da selva protege a infancia, prohibindo matar animaes de menos de um anno?

— Sim, senhor governador: sei disso — respondeu o puma, compungido. — E foi precisamente por meu amor á infancia que o comi, penalizado por sua sorte: para não deixal-o orphão!

*

TRABALHAR

O burro (atirando-se á palha da cocheira). — Ah! Já não podia dar um passo, de cansado que estou! Dez horas andando sempre, com o carro, que é uma montanha de verdura! Que vida mais desgraçada! Tu sim é que és feliz!

O cão. — Eu tambem faço o mesmo caminho que fazes.

O burro. — Mas como o fazes? Passeando e deitando-se para descansar quando o patrão pára numa porta a vender! Eu não posso descansar, e sou eu quem arrasta o carro, que é uma montanha de verdura.

O cão. — Tens razão. Tua vida não é nada bôa. Mas levas a vida que mereces. Por que és burro?

O burro. — Não te entendo.

O cão. — Por que és burro?, repito. Por que amanhã, quando o patrão te fôr amarrar ao carro, não te fazes de doente, para não trabalhares?

*

No dia seguinte, o burro não foi amarrado ao carro. Seguindo o conselho do cão, fingiu que não podia levantar-se, e o verdureiro teve que deixal-o, commodamente descansando á sombra, junto ao pasto e á agua.

A' noite, o verdureiro, que acabava de regressar, moido de andar todo o dia com os cestos ao hombro, falava com sua mulher.

O cão ouvia.

O homem. — Venho morto de cansado! Si Amanhã o burro continuar enfermo, não sei o que fazer. Não posso mais! Já estou velho, e não sirvo para andar todo o dia carregado como quando era moço.

A mulher. — E por que não utilizas do carro?

O homem. — E quem o puxa?

A mulher. — O cão! E' um animal forte, grande e joven. Póde muito bem trabalhar!

O homem. — Bôa idéa! E' ver...

de Alvaro Yunque

dade! Si amanhã o burro continuar enfermo, amarro o cão ao carro.

O cão ouvia...

*

Na madrugada seguinte, o patrão quiz amarrar o burro ao carro, mas este continuava fingindo-se e n f e r m o. Levantava-se e cahia...

De repente, o cão saltou sobre elle, mordendo-o e ladrando. Obrigou-o a levantar-se, a caminhar, a correr.

O burro foi amarrado ao carro. Já na rua, trabalhando, o burro increpou o cão:

— Mão amigo! Trahidor! Aconselhaste-me a fingir-me de enfermo e me obrigaste a trabalhar. Por que?

O cão ficou solenne. E respondeu:

— Passei toda a noite sem dormir, vencido pelo remorso, pensando. Pensando que era injusto que nosso bom patrão estivesse gastando comida comtigo sem trabalhares para elle. Isso era, de facto, uma indignidade. Eu não podia permittir que continuasse. Dahi o meu gesto...

*

CACHORROS DE HOMEM

O pae tirou, de repente, a pequena tartaruga do bolso de seu sobretudo, e a mostrou aos filhos, dizendo:

— Olhem!

Os meninos se assustaram. Rapidamente, os dois foram procurar refugio na saia da mãe.

O pae sorriu:

— Não tenham médo deste animalzinho. E' feio, sim; mas não é máo. Nunca viram uma tartaruga? Não faz mal a ninguem. Não tem unhas nem dentes.

Os meninos aproximaram-se.

O pae poz no chão a tartaruga, que, lentamente, torpemente, como si estivesse aprendendo, começou a andar...

Um dos meninos gritou, desdenhosamente:

— Ué! Não sabe caminhar! Parece um menino que começa a andar...

O outro garoto, aproximando-se da tartaruga, tocou-lhe timidamente, como si tocasse numa coisa quente.

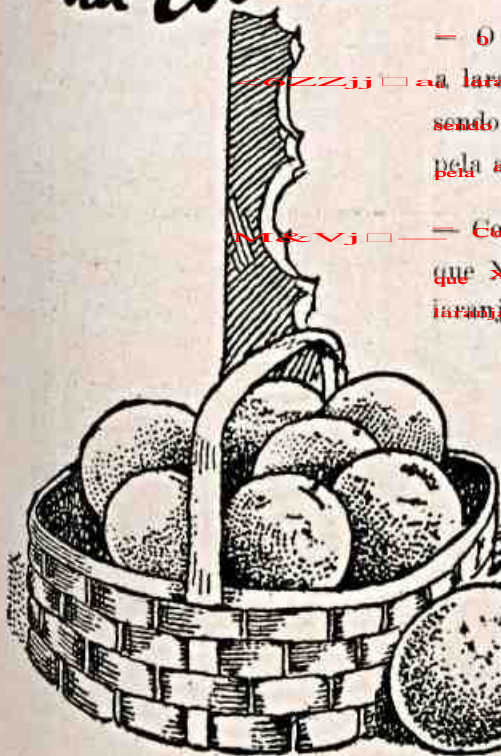
Não tardaram elles em se acostumar com a tartaruga. Perderam o médo. Era um animal feio e estranho, mas era manso.

Ambos tocaram de novo na tartaruga, e, de repente, como si obedecessem a uma unica voz, começaram a bater no pobre animal. Com as mãos e os pés, furiosamente, davam pancadas na casca da tartaruga.

O pae interveiu. Levantou-a do chão:

— Por que batem assim no pobre bicho?

Responderam os meninos:

— Porque é manso...

A FORTUNA DOS ROTSCHILD

O principe Hessel-Cassel, obrigado a abandonar seus Estados em 1795, e não tendo a quem confiar uma importancia de dois milhões, pediu conselho a um amigo, que lhe indicou, como o homem mais honesto que conhecia, um judeu com quem tivera algumas relações commerciaes. O principe Hessel-Cassel entregou a quantia ao judeu. Este perguntou-lhe si era a titulo de deposito ou para fazêl-o produzir. O principe tinha pressa. Respondeu-lhe que fizesse o que quizesse, limitando-se a pedir-lhe um recibo. Então o judeu meneou a cabeça e supplicou-lhe que ficasse com o seu dinheiro, pois si o principe Hessel-Cassel fosse aprisionado e entre seus papeis encontrassem o recibo, este seria para o depositario um motivo de perseguição.

Sem recibo responderia por tudo; mas, com um recibo, por nada responderia. O principe vacillou um momento. O judeu tinha aspecto de honesto. Mas a quantia era bastante forte para merecer algumas precauções. No emtanto, a confiança poude mais que o receio. O principe entregou o dinheiro ao judeu e immediatamente, fugiu como todos collegas seus.

Em 1814, o tratado de Paris devolveu a cada principe, sobre pouco mais ou menos, o que haviam perdido deante daquelles grandes terremotos de imperios, que, desde 1795 a 1814, haviam devorado tantos thesouros. O principe Hessel-Cassel novamente penetrou em sua capital. Em sua ausencia, Napoleão fizera della a capital de um reino. De modo que ficou muito satisfeito do estado em que se encontrava.

* * *

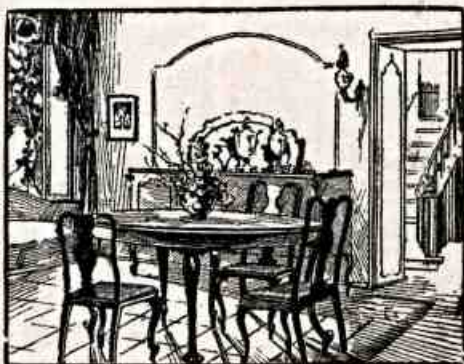
Uma manhã, lhe annunciaram que um judeu desejava falar-lhe. O principe Hessel-Cassel declarou que, si o judeu queria fazer-lhe algum pedido, o fizesse por escripto a seus ministros.

O judeu insistiu, dizendo que o que tinha a dizer ao principe só interessava a elle e que não diria a mais ninguém. O judeu foi introduzido.

O principe reconheceu-o. Era aquelle mesmo traje um pouco mais surrado. A mesma barba um pouco mais encanecida. O judeu inclina-se.

— Ah, perdão! — disse-lhe o principe. — E's tu? Não pensava em rever-te mais. Pois bem. Que vens dizer-me? Que meu dinheiro foi descoberto e roubado? E que queres, bom homem? Graças a Deus e á Santa Alliança, não sou pobre e posso perder dois milhões com que não contava.

— Não é isso, alteza — respondeu o judeu, inclinando-se a cada palavra. — Graças a Deus, de lá não tocaram em vossos dois milhões, mas vós me haveis dado permissão para fazêl-os produzir.

— Ah, comprehendo — disse o principe: fizeste-os produzir

De Alexandre Dumas

bem, que se perderam! Que queres? Estes desgraçados tempos foram tão terriveis para o commercio!

— Não é isso, alteza; os milhões não se perderam.

— Como?! — exclamou o principe. — Vens trazer-me meus dois milhões?

— Tambem não é isso, alteza. Não vos trago vossos dois milhões: trago-vos seis. O dinheiro bem manejado produz assim.

— Muito bem! Mas, tu?

— Eu já tirei minha modesta commissão, meus seis por cento. De resto, ides ver, examinar os livros, alteza. Elles estão em ordem.

— E em que diabo pudeste ganhar quatro milhões?

— Em uma porção de coisas que será muito longo enumerar-vos, alteza. Mas, ides ver tudo isso nos livros.

— E pensas que vou receber esse dinheiro? Acceitarei os meus dois milhões, pois o resto é para ti. Eu não sou negociante.

— Alteza, vós não tendes razão. Dispondo de uns fundos como esses, a gente póde fazer grandes negocios...

— Devolve-me, repito-te, os dois milhões com que negociaste e guarda os quatro milhões que tiveste de lucro.

— Mas, si eu vos disse que já descontei meu interesse...

— Como? Si disseres uma palavra mais, não quero nada!

— Ah, alteza, ha leis ainda para os pobres judeus! Eu vos obrigarei a isso!

— A receber seis milhões, quando eu só te dei para guardar dois?

— Não — respondeu o judeu, depois de reflectir um momento. — Não, eu não posso negar que me autorizou a fazer produzir seu dinheiro, e si não tiverdes palavra, serei condemnado.

— Pois bem — disse o principe — eu não tenho palavra. Não te autorizei a fazer produzir meus dois milhões, e, si disseres uma palavra mais, te perseguirei como defraudador de depositos.

— Não ha mais bôa fé no mundo! — murmurou o judeu, entre dentes.

— Que dizes? — perguntou o principe.

— Nada, alteza. Digo que sois um grande principe e eu não passo de um pobre judeu. Aqui estão vossos dois milhões em bôas letras á vista sobre o Thesouro de Vienna. Quanto aos quatro milhões, desde que, decididamente, não os quereis (o judeu exhalou um suspiro), será necessario que eu fique com elles.

E o judeu voltou a Francfort levando os quatro milhões. Esse judeu era Rotschild.

Eis ahi a origem dessa grande fortuna; tal como ma referiram em Francfort, eu a reproduzo, porque não póde ferir, antes pelo contrario, a nenhum dos que herdaram esse honrado nome.

CONVALESCENÇA

As amplas janellas do sanatorio deixaram passar a luz do sol, suavemente... As cortinas se descerraram lentamente, e os grandes olhos da pequena enferma aprisionaram avidamente os raios... Era como si a vida se injectasse em doses luminosas pelas veias extenuadas...

Desde oito dias, os olhos entrecerrados de febre, não viam a luz do sol...

Desenhada na moldura da porta, a figura do praticante estava immovel de brancura em seu avental branco... A enferma sorriu... Raul Achaval tinha o rosto pállido cheio de luz... Os olhos enormes do *praticante de guarda* cravaram-se, insistentes, na carne da enferma...

Entre suas mãos compridas, acolhedoras, tomou as mãos tremulas de Carminha, e, por fim, seus labios modularam a saudação de todos os dias:

— Felicidade, *boneca*. Hoje, é carnaval...

Como si a palavra houvesse surtido o effeito de uma dolorosa evocação, Carminha fechou as pálpebras e ficou silenciosa...

"Carnaval"!... Recordava as cartas do ausente, e via seus sonhos dissipados, suas esperanças destruidas... Elles tinham resolvido estar juntos pelo carnaval, rir, dançar, embebedar-se de luzes e de tangos... Recordava nitidamente a manhã de sol, em que recebeu sua primeira carta; os olhos raros da photographia, em que o amado tinha a bocca estendida em um sorriso limpido, de optimismo e de juventude... Desfilaram as horas interminaveis da espera, quando ao entardecer de todos os dias, a voz rouca do carteiro lhe annunciava suas noticias cada vez mais intimas, cada vez mais confiadas... Reviveu os momentos de inquietude, em que a afogavam os silencios longos, o palpitar de seu peito nas noites estrelladas, o poder das caricias desejadas febrilmente á distancia... Assim o quiz sem conhecêl-o... Amou-o porque o viu intelligente, o adivinhou bom, comprehendedor, sincero... Resuscitou em sua alma todas as luzes da esperança e do sonho, e o quiz sem reservas, mimosamente, imaginando-o de todas as maneiras...

Duas lagrimas rolaram pelo rosto enfermo, e ao fixar os olhos nos de Raul Achával, sentiu desejos loucos de aggredil-o, de mordêl-o, de insultál-o... Todos os dias era assim: no delirio da febre, queria fazer-lhe mal... Elle era, para Carminha, o usurpador, o intruso, que, pelo privilegio de seu cargo, occupava o logar do outro, do unico, do sonhado...

Achával, acostumado a esses arrebatamentos de nervos, ignorando a verdadeira causa do mal, começou a embalál-a com palavras e mimos. Como sempre tinha, escondida atraz da porta, uma linda cesta de crysanthemos rosados, frescos, com gottinhas de orvalho, tremulos de luz...

Carminha teve pena: pena daquelle rapaz nobre, que passou tantas noite sem dormir á cabeceira de seu leito... Quando seu estado não precisou de enfermeiros nocturnos, elle ia vêl-a com a primeira claridade da manhã, e, á tarde, lhe lia versos, lhe contava historias, salpicava o leito com gottinhas de perfume.

Raul Achával, nos silencios longos e nas sombras mysteriosas, olhava-a interminavelmente, sem dizer jamais uma palavra... Carminha, febril, pensando na

de Concepcion Rios

outro, muitas vezes o chamou por seu nome, deixando-lhe as mãos nas mãos. A realidade de uma presença, embora estranha, dava-lhe a sensação do homem amado; e ella fechava os olhos sonhando com elle...

Naquelle primeiro dia de carnaval, a enferma estava cheia de optimismo e de sol... O doutor Mendes assegurou ás pessôas intimas o total e prompto restabelecimento...

— Carminha, você ficará bôa — disse Raul — e então nós passearemos juntos pelos jardins e pelas praias, que tanto você aprecia. Tenho um louco desejo de vel-a caminhar, queimada pelo sol. Nas noites em que velava junto a seu leito, fazia-me mal a brancura de sua carne. Assim, *tostadinha*, não terei a obcessão de seu corpo, e seremos amigos indefinidamente...

— Não, Raul; você e eu nunca poderemos ser amigos.

Uma onda de sangue coloriu as faces do rapaz, seus olhos negros se arrebataram de brilho, e elle apenas murmurou:

— *Boneca*, será que você tambem não me quer um pouquinho?

— Nem siquer isso, Raul. Não poderei querêl-o nunca.

Os crysanthemos rosados haviam ficado sem sol, de que apenas um raio cahia sobre o leito da enferma. E Raul Achával, com passo vacillante, deixou a cadeira, em direcção á porta.

— Não, Raul, não quero que você saia. Sente-se, e eu lhe contarei tudo.

E contou-lhe. Foi como si os olhos do *outro* lhe dessem inspiração... Contou-lhe que era um desconhecido de vinte annos; vinte annos gloriosos de futuro, ávidos de gloria, de felicidade... Falou sem piedade, quasi inconscientemente, salpicando a conversação de nomes doces...

Com a cabeça apoiada sobre uma das mãos, fechada, Raul Achával soluçava de dôr. Duas lagrimas cahiram na cama da enferma, e fez-se um silencio amargo...

Assim decorreram, uma, duas horas, até que a amiguinha de todos os dias penetrou no quarto. Em suas mãos, uma carta *delle* para Carminha e outra de letra desconhecida...

Carminha leu-a febrilmente, aspirou-a até encher a alma, com algo de fervor religioso, e, como se cumprisse um rito, a depositou, dobrada, junto a seu seio. A carta do desconhecido era de letra pequena e nervosa. Ao acabar sua leitura, a enferma suffocou um grito e desmaiou.

Voltando á realidade, uma dôr no cerebro não a deixava falar.

O periodo onde lhe annunciava que *elle* tinha noiva, fôra uma marca de fogo em suas carnes debeis.

Raul Achával, vergado de tristeza, emocionado, tremulo, sahiu do aposento, silencioso...

No peito de Carminha era irregular a respiração... Os crysanthemos rosados empallideciam na penumbra, que já se insinuava.

E assim começou a convalescença da enferma: cohibida com a alma destroçada de dôr e a bocca resequida de despreszo...

Notas d

OSCAR

SOUZA LIMA. — Inaugurou-se em a noite do penultimo mercuridia, 4.ª feira, 22 de Abril, a temporada de concertos do Theatro Municipal, dirigida pela Empresa Silvio Piergili. Foi o grande pianista brasileiro Souza Lima quem iniciou a série, executando, além de alguns numeros extraordinarios, este programma: LISZT — *Sonata* (dedicada a Schumann; CHOPIN — *Nocturno* (op. 15, n. 2); *Estudo*, *Valsa*, 4.ª *Ballada*; RAVEL-ERICOURT — *Piéce en forme de habanera*; DEBUSSY — *Ronde*; FRUCTUOSO VIANNA — *Dança de negros*; J. NIN — *Commentaire et Valse*; KREISLER RACHIMANINOFF — *Liesbesfreud* (konzert-trankription).

Se nos não enganamos, pareceu-nos o virtuose patricio maior ainda do que o anno passado, quando o ouvimos pela primeira vez.

Não é simples lugar commum affirmar ser difficil senão impossivel dizer qual a peça em que mais brilharam os seus predicados de grande pianista. A não ser o *Nocturno*, op. 15, n. 2, de Chopin, que não nos emocionou como esperavamos ser emocionados, tudo foram diversos gráos do mesmo primor technico e esthetico.

Depois de haver durante quasi meia hora revelado toda a sciencia da sua arte, interpretando a sonata revolucionaria de Liszt — chamamo-lhe assim porque rompe com a forma tradicional do genero, assumindo a unidade do poe-symphonico — Souza Lima manteve o auditorio em estado de enthusiasmo permanente na successão das bellezas interpretativas que se lhe seguiram, especialmente ao executar, com excepcional poder communicativo, o *Estudo* e a *Valsa* de Chopin, *Ronde*, de Debussy, *Dança dos negros*, de Fructuoso Vianna, e acima de tudo, a *Campanella* de Liszt.

Deante da magnifica exhibição, eram incessantes os louvores, manifestados pelas palmas da sala inteira, pelos commentarios de artistas e amadores, nos intervallos do recital, e pelos bravos que irromperam espontaneos e enthusiasticos ao terminar a magnifica, a exceptional execução da *Campanella*.

Foi uma noite cheia de estrellas para o nosso illustre patricio, gloria legitima da pianistica brasileira.

MAX PAUER. — Na tarde do ultimo sabbado abriu-se o Theatro Municipal para o recital de estréa do pianista Max Pauer — inglez pelo nascimento e allemão pela cultura. — Director do Conservatorio de Leipzig, e concertista de nomeada nos meios europeus, segundo informações colhidas no proprio programma do recital.

Fez-se ouvir o recitalista em *Preludio e fuga em lá menor*, de BACH-LISZT; *Impromptu em sol maior* (op. 90, n. 3) e *Impromptu em mi bemol maior* (op. 90, n. 2), de SCHUBERT; *Rondo capriccioso* op. 14, de MENDELSSOHN; *Sonata em mi bemol maior* op. 81 a (Les adieux; l'absence; le retour), de BEETHOVEN; *Estudo em fá menor* e *Soneto de Petrarca*, de LISZT; — e ainda em dous numeros extra-programma: *Rondó*, de BEETHOVEN e *Réverie*, de SCHUMANN.

Para traduzir com a costumada sinceridade a nossa impressão, embora não seja talvez a dos criticos, nem a de outros chronistas, devemos dizer que nada de extraordinario achamos nas interpretações do illustre

e Arte

D'ALVA

recitalista. Notámos-lhe mesmo certa displicencia no modo de tocar, um como alheamento ao sentido das composições, que eram apenas mecanicamente executadas.

Não ha duvida de que Max Pauer é um virtuose correcto; conhece perfeitamente o seu instrumento; reproduz com mais ou menos fidelidade a obra dos musicos; mas não as anima com o calor da propria inspiração. Falta-lhe em geral a força communicativa, o sentimento interpretativo, que dá mais vida á vida dos poemas e que muitas vezes anima o que parece morto.

Entretanto é justo assignalar que houve numeros em que se não applicaram as nossas restricções e que applaudimos sem favor. Taes — 2.ª parte da *Sonata* de Beethoven; o *Estudo em lá menor*, de Liszt; e, sobretudo, os dous *extra*, o *Rondó*, de Beethoven e a *Rêverie* de Schumann. Na execução de todas essas peças, Max Pauer viveu os poemas sonoros; não era apenas o piano, mas o pianista que tambem vibrava.

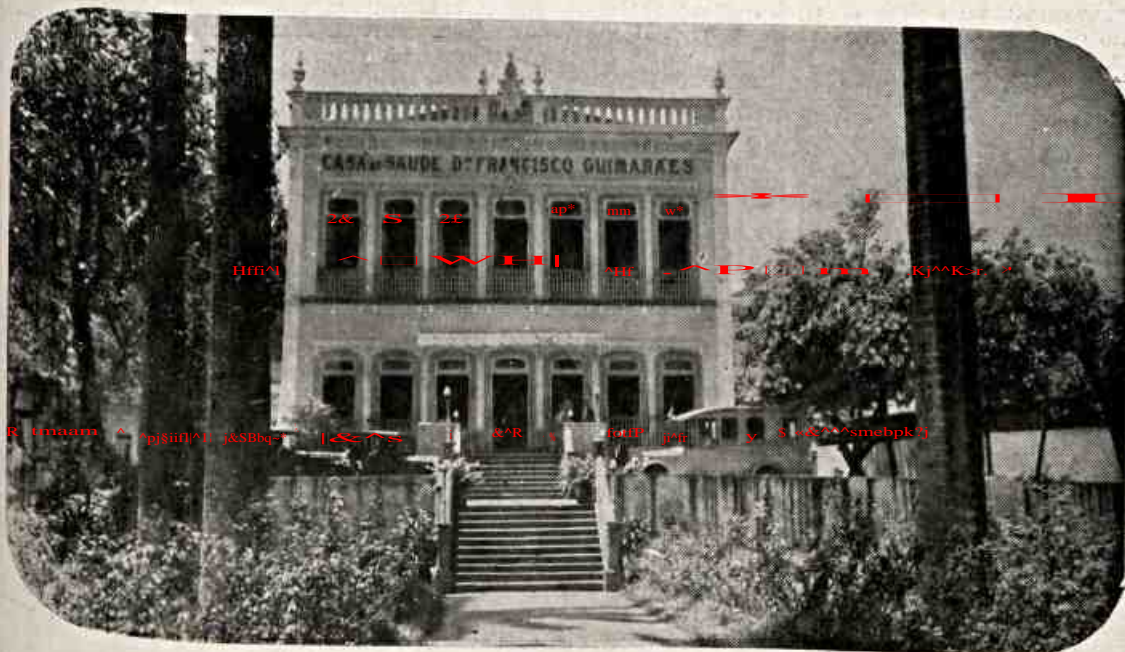
Como quer que seja, o publico applaudiu sempre, algumas vezes mais aos autores do que ao interprete, e foi mesmo exuberante de applausos quando o pianista se revelou não apenas technico mas tambem estheta do piano.

HENRIQUE OSWALDO. — Homenageando o illustre musico brasileiro, maestro Henrique Oswaldo, realizou o I. N. M. a A. B. M. um grande festival, em que se fizeram ouvir — interpretadas pela cantora senhorita Alicinha Ricardo, pianista Barroso Netto, violinistas Fr. Chiaffitelli, Carlos de Almeida, senhorita Messodi Baruel, Milton Paraiso, Isaac Feldmann, violoncellistas Newton Padua, Iberê Gomes Grosso e Nelson Cintra, violistas Orlando Frederico e Ernani Cataldi — as composições do notavel poeta do som: *Quartetto*, op. 39 (violino, viola e violoncello); *Ophelia*, poemeto lyrico em 5 numeros (canto); *Trio*, op. 45 (piano, violino e violoncello); *Ottetto*, op. 29 (violinos, violas e violoncellos).

O I. N. M. estava inteiramente cheio de nosso mundo intellectual e social. Palmas e flores saudaram abundantemente o artista, a respeito de cuja vida e obra fez breve allocução o prof. Chiaffitelli.

Pelo que ouvimos, a obra musical de H. Oswaldo parece realizar o conceito latino — *pauca sed bona*. Embora não sejamos critico, mas apenas chronista ou noticiarista musical, cremos todavia não errar dizendo que as composições do mestre brasileiro revelam, através das audições, perfeição não commum; sente-se que são vasadas em moldes de requintada technica, sem que soffra com isso a belleza, a espontaneidade da inspiração. Mais especialmente o sentimos no *Trio*, op. 45, executado com muito brilho pelos illustres professores B. Netto, Chiaffitelli e Padua, e em *Ophelia*, que a senhorita Alicinha Ricardo viveu com tanta emoção, com tanta arte, que a sala encantada pediu mais encantos e a artista nol-os deu cantando a *berceuse* da op. *Não* do homenageado — *Non ti svegliare*. Pena foi que novos numeros de canto não fossem ouvidos no final da festa; tal a impressão produzida pela deliciosa voz da joven artista brasileira.

HELENA

Á SCINTILLANTE PERNAMBUCANA

HELENA crescêra e attingira aquella doirada e magica phase da existencia das mulheres. Dezoito annos. Uma farta cabelleira, negra como ébano, revolta e bella; uns olhos, grandes e escuros, brilhantes e seductores; uma bocca bem cortada, deixando adivinhar-se num leve entreabrir uma alva fila de dentes; uns braços, torneados e longos, lindos quando abandonados, expressivos nos gestos fidalgos; um collo bem lançado e um porte soberbo formavam o primoroso conjuncto, com que a dotára a natureza.

A graça, a vivacidade, a alegria — céo aberto nunca turvado pelas nuvens sombrias da tristeza — completavam-lhe a felicidade do viver, neste mundo — imperio da dôr.

Aquella linda flor humana desabrochára no meio dos infelizes como uma encantadora rosa, que abrisse num pantano.

Uma enorme e luzida côrte de moços perseguia-a constantemente.

Dentre elles, porém, o seu coração juvenil já havia escolhido um — o seu "bem amado".

Era elle a doce visão dos seus scismares nas horas mortas das noites longas e tenebrosas...

Era elle ainda quem povoava o seu pensamento nos instantes deliciosos em que ella se deixava ficar, absorta, em um banco do jardim, á luz de prata do luar, com perfumes embriagadores vagando pela atmosphera calma.

De uma coisa cuidava em sua vida com um carinho que mais parecia uma devoção: era do seu jardim, das suas roseiras, das trepadeiras, "as serpentes em flor", de que nos fala Junqueiro.

UM AUTOR

A unica paixão de Geraldo Bonilla era o theatro. De mero, mas enthusiasta espectador, se transformára em autor: Foram innumeras as horas que passou sentado á mesa enchendo laudas. Escrevia gesticulando. Contemplando-o, a gente o tomaria por um louco. E talvez não estivesse mesmo bem certo da cabeça.

A primeira vez que sua mulher o viu sentar-se á mesa e pôr-se a escrever com um enthusiasmo digno de melhor sorte ficou sobremaneira alarmada. Era inaudita aquella attitude de seu marido, que nunca se incommodára em tomar a pena nem siquer para responder ás cartas de seus parentes, que sempre censuravam o seu silencio. E mais alarmada ficou ainda a bôa mulher, quando o viu gesticular e retorcer os dedos, nervosamente, como si quizesse estrangular alguem.

— A quem escreves com tanto furor? Com certeza a um dos teus credores...

— Nada disso — contestou rapidamente Geraldo Bonilla. — Estou escrevendo um drama.

— Não digas! Mas tu sabes fazer dramas?

— Melhor do que Benavente.

— Pois ninguem diria que tivesses tanta intelligencia. E dize-me: para que fazes esses gestos, que mais parecem mimicas para o demonio?

— Ah! Esta é a chave do éxito. Eu mesmo me transfórmo em cada um de meus personagens, e, repetindo seu papel, lhes transmitto emoção e vitalidade. Mas, não me interrompas, que já me fizeste perder o fio da acção.

Durante varios mezes Geraldo Bonilla não pisou a rua sinão para se dirigir ao seu emprego. Passou as horas livres consagrando á sua arte, escrevendo drama após drama. Quando já tinha produzido cinco, pensou que era chegada a hora de começar a visitar os directores artisticos das companhias nacionaes que, naquella estação, davam as ultimas representações, vencidas pela indifferença do publico.

Sua peregrinação pelos theatros não merece maiores commentarios. Não se differenciou em nada absolutamente dos outros aspirantes a dramaturgos. Em toda parte lhe devolviam as obras com a mesma cantilena.

— Seu drama é muito bonito, mas não tem vida, nem acção. Numa palavra: não tem realidade.

— Isso não é possivel! — arguia Geraldo Bonilla, defendendo seus dramas como os vendeiros seus generos. — Tem vida e emoção de sobra. Lá isso tem! E o senhor não póde contestál-o, porque eu tenho uma prova.

— Que prova?

— O quarto de minha mulher. Lendo a obra, a pobrezinha não poude reprimir as lagrimas. E para fazer minha mulher chorar, só uma obra cheia de vida e emoção.

— Pois sua mulher te enganou com seu pranto. Seu drama é isto: frio, irrepresentavel.

A principio, Geraldo Bonilla tomou as palavras dos directores pelas habituaes palavras com que, habitualmente, se desfazem dos postulantes. Mas, quando meditou um pouco nellas e viu quanto se pareciam, apesar de não ter um director nada de commum com o outro, não teve remedio sinão acceital-as como algo profundamente sentencioso o juizo unanime de seus criticos.

— Imagina, Rosmunda — disse a sua mulher, ao chegar em casa — a audacia que tiveram de responder os directores artisticos das companhias! Que meus dramas não têm emoção nem realidade!

— Disseram-te isso? Pois mereciam ser enforcados por mentirosos. Teus dramas, não direi que sejam obras de genio, que são obras para fazer chorar as mu-

De A. Marrocos de Araújo

INTELLECTUAL

IDA SOUTO UCHÔA

Dedicava ao vergel, o recanto paradisíaco em que se saturava de aromas, algumas horas das manhãs luminosas e das tardes cálidas.

Com que prazer derramava ella, todos os dias, a agua clara e fria ao pé das roseiras em flor!

Com que carinho amparava os galhos de uma velha roseira que, de tanto se coroar de petalas sanguineas, já se não podia suster ao sopro dos ventos!

Distribuia os jarros, enfileirava-os em aalmedas, collocava-os, hoje aqui, amanhã ali...

Era aquelle pequenino Eden a suave clausura do seu espirito. E ás suas amiguinhas, quando lhes mostrava aquelle abençoado pedaço de terra, costumava dizer: "Trato de todas estas plantas, com carinho de mãe, para que ellas, no dia do meu casamento, se touquem, se adornem e se enflorem, offertando-me assim, como recompensa, um rico "bouquet", em que pompeiem as mais lindas rosas...

* * *

E as suas meigas e fieis amigas, as roseiras, um dia se cobriram das mais encantadoras corollas e rebentaram em mil botões entreabertos... As queridas companheiras de todas as horas, as suas confidentes, comprehenderam que naquelle momento deviam florir e ostentar petalas de côres variegadas...

E' que ellas, naquelle triste dia, em vez de compôr o lindo ramilhete promettido, iam perfumar e enfeitar o esquife, em que jazia, inerte, o corpo candido e puro de Helena...

De José M. Braña

...iferes, isso ninguem póde negar.

— Ninguem poderá negal-o, mas o certo é que todos o negaram.

— E tu te affliges por isso? És ingenua! Si elles se propuzeram fazer-te desistir de teu proposito, tu deves reagir: produzir novas obras. Foi isso o que fizeram todos os que estrearam no mundo theatral como genios. Si taes autores houvessem desanimado, como pretendes agora, teriam chegado á meta de seus sonhos? De maneira alguma! Escreviam uma peça e a apresentavam aos directores de companhias. Estes a liam, (ou não a liam, o que é o mais provavel) e lh'a devolviam com muito boas palavras (ou sem ellas lh'a devolviam, que tambem é o mais provavel). Então, esses autores guardavam seu manuscripto no fundo de uma gaveta e punham mãos a outra obra. E a essa nova obra occorria o mesmo, e o mesmo occorria com a seguinte e com a que vinha depois, e a gaveta se ia enchendo. Mas elles não desesperavam. Até que, afinal, chegava o dia do triumpho, e então... Sabes o que acontecia então? Que esses autores lançavam ao theatro aquellas obras que enchiam a gaveta, recusadas por não servirem, e agora a critica se desdobrava em elogios, affirmando que taes autores iam *melhorando*, que *se tornavam mais autores a cada nova obra*. Vês? Tornavam-se mais autores com obras anteriores á *primeira!*

— Bravos, Rosmunda! Pareces um orador de praça publica!

— Pareça o que parecer, agora sou quem quer *fazer-te* autor. Um autor dos de mais fibra!... Olha, eu te inspirarei. Vamos! Senta-te ahi, á mesa, e toma a penna... Falta vida em todos os teus dramas? Pois, vamos ver si dizem que tambem falta a este!

Quando Geraldo Bonilla estava accommodado junto á mesa, com um block de papel branco em frente e a penna na mão, a arrogante senhora começou a dictar-lhe:

— "Acto primeiro. A scena representa a sala de jantar dos esposos P."...

Um mez depois, a obra estava terminada, e o casal Gerardo Bonilla encantado della. Passada a limpo pela propria Rosmunda, uma tarde Gerardo a levou ao senhor Fieralisa, o director artistico do Odéon, cuja companhia se *salvára* milagrosamente da bancarrota.

Depois de folhear o manuscripto, o senhor Fieralisa o poz dentro de uma gaveta, e disse a Bonilla:

— Bem: deixe-o commigo e volte dentro de tres mezes para saber a resposta.

— Tres mezes? — gemeu Gerardo.

— Tres mezes, sim, senhor! — respondeu o director. — Eu poderia dizer-lhe que viesse depois de amanhã, e depois de amanhã, que voltasse outro dia, e assim até aborrecêl-o e fazer-lhe perder tempo e gastar dinheiro. Sou mais liberal e quero economizar-lhe essas duas coisas. E não quero que me agradeça por isso.

Fazendo das tripas coração, Gerardo Bonilla esperou pacientemente os tres mezes. No fim delles, se apresentou ao senhor Fieralisa, que o recebeu muito affectuosamente:

— Sua obra é muito bôa, meu amigo! — disse-lhe. — Ao contrario das anteriores, que tinham realidade, esta tem realidade em excesso, e, naturalmente, não póde ser representada.

— Mas...

— E' isso, meu amigo. Nosso publico abandonaria a sala, envergonhado, e maldizendo o protagonista. E não lhe faltará razão. Não é acaso desprezivel esse marido que se faz de ingenuo deante das infidelidades de sua mulher?...

Bastante envergonhado, abaixei-me para apanhar as laranjas, comprehendendo que no espirito do meu amigo actuava uma razão séria para me attribuir aquelle desastre. Os outros fizeram o mesmo que eu e levantaram a mesa.

— Esta agora! exclamou o inspector, para onde se escapuliu elle?

Holmes desapparecera, com effeito.

— Esperem-me aqui uns momentos, disse Alec Cunningham. Julgo que esse pobre diabo não está no seu juizo. Venha commigo, meu pae, para irmos ver onde elle se metteu.

Sahiram precipitadamente do quarto, deixando-nos perfeitamente estupefactos.

— Palavra que sou um pouco da opinião de Alec, disse o agente da policia. Póde ser um effeito da sua doença, mas julgo que...

Os gritos de "Soccorro! Acudam-me!" impediram-no de acabar a phrase.

Precipitei-me como doido para o patamar, porque reconhecera a voz do meu amigo. Os gritos que se tinham transformado em gemidos roucos e inarticulados, partiam do quarto que visitaramos em primeiro logar.

Corri para o quarto de vestir. Os dois Cunningham estavam debruçados sobre o corpo estendido de Sherlock Holmes; o mais novo apertava-lhe a garganta com as duas mãos, emquanto o outro lhe torcia o pulso.

Num momento, nós tres desembaraçamos Holmes, que se levantou muito pallido e quasi sem forças.

— Prenda esses homens, inspector, disse elle procurando tomar o folego.

— De que os accusa?

— De terem assassinado o seu cocheiro, William Kirwan.

O inspector olhou para elle espantado.

— Diga, senhor Holmes, está falando serio?

— Essa agora! Meu amigo, olhe para elles, redarguiu Holmes seccamente.

Com effeito, poucas vezes rostos humanos teriam assim impressos os claros vestigios do crime. O mais velho dos dois parecia de cera; o rosto sombrio tinha uma expressão de crueldade, pouco vulgar; o filho, esse abandonára o ar de mofa que até alli tinha mostrado.

Os olhos brilhavam-lhe com ferocidade, transformando-lhe as linhas, ainda ha pouco tão puras, da physionomia. O inspector não disse uma palavra, mas chegou á porta e assobiou. Dois dos seus agentes acudiram á chamada.

— E' necessario que eu cumpra o meu dever, sr. Cunningham, disse elle. Estou comtudo convencido de que isto não passa de um engano absurdo, mas vê bem que... Ah! mas faça o favor de deixar isso!...

Bateu na mão do rapaz, e um revolver que elle tinha acabado de tirar, cahiu por terra.

OS PROPRIETARIOS

(SHERLOCK - HOLMES)

— Guarde isto, disse Holmes, pondo o pé em cima do revolver. Ha de ser-lhe necessario para o processo. Olhe. Aqui tem o que nós procuravamos; e dizendo isto, sacudiu um pedaço de papel.

— O resto da folha? — exclamou o inspector.

— Justamente.

— E onde estava?

— No logar em que eu julgava encontral-o. Explicar-lhe-ei tudo isso, daqui a um instante. Parece-me, coronel, que póde voltar para casa com Watson. Daqui a uma hora, o mais tardar, irei ter comsigo. Eu e o inspector temos que conversar com os presos. Fique socegado, que com certeza á hora do almoço lá estarei de volta.

Sherlock Holmes cumpriu a promessa, porque, uma hora juntava-se commosco no gabinete de fumar do coronel. Vinha acompanhado de um homem edoso e de pequena estatura, o sr. Acton, cuja casa tinha sido a primeira assaltada.

— Pedi ao sr. Acton que viesse ouvir a explicação deste caso, disse Holmes, porque creio que isso o ha de interessar mais do que a ninguem. Só receio, meu caro coronel, que esteja a lamentar amargamente ter convidado para sua casa um desmancha-prazeres como eu.

— Pelo contrario, respondeu o coronel affectuosamente. Foi para mim um prazer inesperado tel-o visto a trabalhar. Confesso até que foi mais longe do que eu esperava: e apesar de tudo, ainda não explico como adquiriu a certeza da culpabilidade dos Cunningham.

— Espero que mudará de opinião quando eu lhe expuzer o meu methodo, que já não é um segredo para Watson nem para a maioria dos mortaes. Mas como ainda estou resentido da luta que tive de sustentar com os dois criminosos, vou, se me dá licença, coronel, beber uma gotta da sua aguardente. Sinto necessidade de um estimulante para recuperar as forças.

— Espero que não tornará a ter nenhum ataque de nervos.

Sherlock desatou a rir.

— Falaremos disso quando chegar a occasião, disse elle. Vou expôr-lhe o caso em ordem, mostrando-lhe as differentes circumstancias que me guiaram. Peço-lhe que me interrompa se alguma deducção lhe não parecer bem clara.

"E' da mais alta importancia, para um investi-

DE REIGATE

Por CONAN DOYLE

dor de crimes como eu sou, saber differençar numa questão, os factos accessorios e os factos principaes.

"No presente caso, percebi immediatamente que o pedaço de papel encontrado na mão da victima devia servir-me de chave.

"Antes de continuar, faço-lhe notar que se a versão de Alec Cunningham fosse exacta, o ladrão, que, segundo elle dizia, fugira depois da morte de William, não teria podido arrancar o papel das mãos da victima. Portanto, não tendo sido o ladrão, não podia deixar de ser o proprio Alec Cunningham: alguns momentos depois já estavam no local do crime o pae e outros creados.

"Este facto parece muito simples, não é verdade? E comtudo o inspector não tinha dado por elle, porque partia do principio de que esses homens, tão ricos, não podiam ter parte no crime.

"O meu maior cuidado é não me deixar levar por preconceitos, e guiar-me, simplesmente, pelos factos em si. Foi por isso que na primeira parte da pesquisa perguntei a mim proprio que papel teria desempenhado no crime Alec Cunningham.

"Examinei então cuidadosamente o pedaço de papel que o inspector nos havia mostrado e vi logo que esse documento era da maior importancia. Eil-o. Não o acha muito suggestivo?

— Tem um aspecto esquisito, disse o coronel.

— Meu caro amigo, exclamou Holmes, não ha a menor duvida que estas linhas foram traçadas por duas pessôas, escrevendo cada uma alternadamente uma palavra. E para se convencer, peço-lhe que repare com attenção no *t* muito carregado das palavras "porta" e "utilidade". Compare-o com o *t* muito fino da palavra "muito". Uma ligeira analyse permittir-lhe-á assegurar que as palavras "quarto" e "poderá" foram escriptas por mão firme, ao passo que as palavras "doze" e "maior" foram traçadas por outra mais fraca.

— Por Deus!... E' claro como agua! exclamou o coronel. Mas por que razão se combinaram dois homens para escrever essa carta?

— Evidentemente tratava-se de coisa má; e um delles, desconfiando do outro, quiz que a parte de cumplicidade fosse a mesma para cada um. E desses dois homens, é claro que o que escreveu as palavras "porta" e "utilidade" foi o instigador do crime.

— O que lhe faz suppôr isso?

— Podiamos deduzil-o da firmeza de mão de um, comparada com a hesitação do outro; mas temos razões ainda mais sérias para o suppôrmos. Examinando de perto este bocado de papel, vemos que o homem de caracter mais resoluto escreveu primeiro certas palavras, deixando espaços em branco que o outro depois preencheu. Os espaços nem sempre chegaram... Repare que o cumplice teve difficuldade em intercalar a palavra "doze" entre "ás" e "menos", prova cabal de que estas duas ultimas palavras tinham sido escriptas primeiramente. Portanto o homem que escreveu primeiro foi o que machinou a trama.

— E' perfeito o raciocinio!... exclamou Acton.

— Porém, muito superficial, disse Holmes. Passemos porém a um ponto importante. Talvez ignorem que os peritos já chegaram a determinar, com perfeita exactidão, a edade de um homem estudando-lhe a letra. Em condições normaes póde-se, quasi com plena certeza, adivinhar a edade de uma pessôa com uma aproximação de dez annos. Digo em condições normaes, porque a doença ou a fraqueza physica dão por vezes apparencia de maior edade, até a uma pessôa muito nova. No caso que nos interessa, examinando a letra fina e carregada de um e a letra do outro, mais hesitante, é-nos licito affirmar que um dos homens é novo, o outro avançado em edade, mas não decrepito.

— Que perfeição! exclamou novamente Acton.

— Ha comtudo uma observação mais subtil e mais concludente. Estas duas letras assemelham-se; provêm de dois individuos do mesmo sangue. Pódem reconhecel-o examinado os *e* gregos; mas tenho ainda outras provas mais palpaveis, e estou convencido que as duas letras são de pessôas da mesma familia. E' claro que só lhes mostro os pontos salientes do meu exame. Tirei mais vinte e tres deducções, que interessam mais a um perito do que aos senhores. Todas ellas tendem a demonstrar que os dois Cunningham pae e filho, escreveram a carta. Chegado a este ponto, procurei principalmente descobrir os pormenores do crime e obter a maior somma de dados possivel. Fui portanto com o inspector á casa dos criminosos e averiguei o que poderia ter se passado. Certifiquei-me de que a ferida da victima fôra produzida por uma bala de revolver disparado á distancia de quatro jardas. Não se conseguiu encontrar o mais leve vestigio de polvora no fato. Evidentemente Alec Cunningham mentira quando declarou que o tiro fôra disparado durante a luta entre os dois homens. Os dizeres do pae e do filho concordavam a respeito do caminho que o assassino seguira para fugir para a estrada. Ora, precisamente nesse logar ha um lamaçal, onde não encontrei o menor vestigio de passos; era mais uma prova de que os Cunningham mentiram e não interviera ninguem de fóra. Só me restava descobrir o mobil de

(Continúa na pagina seguinte)

tão singular crime. Para isto comecei a investigar qual seria o fim do assalto originalissimo de que o sr. Acton fôra victima. Lembrei-me de ter ouvido dizer ao coronel que havia uma demanda entre o sr. Acton e os dois Cunningham; immediatamente me acudiu ao espirito a idéa de que elles deviam ter penetrado no seu escriptorio com a intenção de se apoderarem de algum documento importante.

— E' certo, disse Acton, não póde haver a menor duvida. Tenho todo o direito a haver metade da propriedade que lhes pertence, e se elles podessem levar um só dos papeis que felizmente estão encerrados no cofre-forte do meu advogado, o roubo tornaria impossivel a defesa da minha causa.

— Bem me parecia, disse Holmes sorrindo. O golpe era arrojado e até perigoso de tentar. Denuncia, julgo eu, a audaciosa iniciativa de Alec. Não tendo encontrado os papeis que procuravam, quizeram desviar suspeitas procedendo como gatunos vulgares e por isso levaram tudo que lhes cahiu nas mãos. E' claro como agua. Comtudo eu ainda via alguns pontos obscuros. Precisava, antes de mais nada, do outro pedaço da carta que William recebera. Tinha a certeza de que Alec, depois de a arrancar das mãos da victima, a guardara na algibeira do roupão. Só faltava então saber se ainda lá estava. Tudo resolvi tentar para me tirar das duvidas, e por isso os levei á casa do crime. Os Cunningham, como estão lembrados, vieram ter comnosco fóra da porta da cozinha. Era mister, a todo o transe, não alludir de fórma alguma ao motivo que alli nos levava para evitar que elles, sabendo-o, destruissem immediatamente o papel. O inspector ia-se descuidando; por esse motivo, e por uma coincidencia providencial, tive um ataque de nervos que desviou a conversação.

— O que! exclamou o coronel, rindo. Foi fingido?... E nós que tanto nos apoquentámos!...

— Como medico, devo confessar que o ataque foi lindamente simulado! exclamei eu, olhando com espanto para esse homem admiravel, cuja astucia sempre me confundia.

— A comedia é muitas vezes uma arte util, accrescentou Holmes, ironicamente. Quando recuperei os sentidos consegui, por meio de um estratagema muito habil, que o velho Cunningham escrevesse a palavra "doze". Queria comparal-a com a mesma palavra escripta no tal papel.

— Santo Deus! Mas que estupido fui! exclamei.

— Notei que se compadecia da minha falta de memoria, Watson, disse Holmes, rindo; e cheguei a ter pena de lhe causar tanta afflicção! Subimos depois todos juntos ao primeiro andar. Lá em cima, no quarto de vestir, dei com o roupão dependurado

UM "VALIENTE". — A visita. — Por que me olhas com tanta insistencia, nenem?

O *garoto*. — E' que mamãe diz que o chapéo que a senhora usa é capaz de metter mêdo a qualquer um... Mas, a mim, não me assusta, está ouvindo?

atraz da porta e consegui, atirando com a mesa ao chão, desviar as attenções, emquanto me deixava ficar para traz a remexer nas algibeiras. Mal acabava de deitar a mão ao papel, já os dois Cunningham tinham cahido sobre mim, e de certo me matariam, se não fosse a intervenção dos meus amigos. Ainda sinto as unhas do rapaz fincadas na garganta. O pae então esfolou-me o pulso, com a força que fez para me arrancar o papel. Comprehenderam acto continuo onde eu queria chegar, e vendo-se perdidos, perderam a cabeça e quizeram queimar os ultimos cartuchos. Interroguei o velho Cunningham durante uns momentos e sondei-o sobre o mobil do crime. Mostrou-se razoavel, ao contrario do filho, que estava furioso e prompto a dar um tiro nos miolos ou a matar-me, se tem conseguido servir-se do revolver. Logo que Cunningham comprehendeu as graves accusações que pesavam sobre elle, desconcertou-se e confessou tudo. Parece que William tinha seguido, ás escondidas, na noite em que elles foram á casa de Acton; como os tinha desde então em seu poder, quiz dominal-os. Mas é perigoso brincar com um homem com o temperamento do Alec; este ultimo teve uma intuição genial aproveitando o pavor que os assaltos successivos estavam produzindo no sitio para se desembaraçar, sem risco, do homem que tanto os incommodava. Attrahiram William a uma cilada e mataram-no. Se tivessem tido a cautela de guardar o papel todo, não esquecendo minucias, é muito provavel que nunca sobre elles tivesse recahido suspeita alguma.

— E a famosa carta? perguntei.

Sherlock-Holmes collocou deante dos nossos olhos o papel accusador. Dizia assim:

"Se vier ás doze menos um quarto á porta do nascente saberá alguma cousa que muito o surprehenderá e que poderá ser da maior utilidade para si e tambem para Anna Morisson. Mas nada diga a ninguem sobre o assumpto."

— Era bem o que eu suppunha, disse-nos elle. Na verdade não sei ainda ao certo quaes foram as relações que existiram entre Alec Cunningham, William Kirwan e Anna Morisson. Comtudo o resultado mostra que a ratoeira fôra bem armada. Tenho a certeza de que está, como eu, espantado com os estigmas hereditarios que os "pp" e os "gg" revelam. A ausencia de pontos nos "ii" nas palavras que o velho escreveu, tambem é muito caracteristica. Watson, parece-me que a minha curta villegiatura no campo não foi de todo infructifera. Amanhã volto para Baker Street, sentindo-me robustecido.

Na proxima semana, do mesmo autor:

O CARBUNCULO AZUL

SUPERSTIÇÕES. — O homem que achou um meio de atravessar, sem correr perigo, uma das ruas mais movimentadas da cidade, graças a um gato preto.

EXPERIENCIA

O conde gastava muito dinheiro. Honrava a phrase, nem sempre exacta em todos os seus collegas de titulo, de que o conde é quem paga. Generoso, esplendido, delapidador, era a mais viva attracção de amigos sinceros e damas apaixonadas.

Mas, tudo acaba, e a fortuna do conde ia rapidamente se esgottando. O conde gastava, gastava sem cessar, com as duas mãos. E com a direita não deixava de firmar cheques e escripturas de hypothecas. Mas o esforço desses trabalhos era immediatamente esquecido, entre o affecto desinteressado e cordial dos amigos, os beijos das apaixonadas amantes, o milagre doirado do champagne e o estrondo triumphal das orchestras de negros...

E uma tarde foi interrompida a sesta do conde pela indesejavel visita dos credores, acompanhados de um cortejo desagradavel: procuradores, escrivães e officiaes de justiça. A solenne casa solarenga do conde, que fôra a gloria de seus antepassados, era embargada, com as reluzentes armaduras que conservavam a marca triumphal de cem torneios; os magnificos moveis da época, imponentes, nostalgicos de remotos ambientes melhores; os elegantes moveis modernos; as quadros de pintores famosos...

O conde, já na rua, fez um gesto displicente. Não perdeu nunca sua attitude elegante, mundana, despreoccupada; não seria, pois, agora, que iria perdêl-a. Rodeavam-no seus criados, seus fieis criados.

O conde olhou-os ternamente, e exclamou:

— Só sinto este... incidente por vós. Agora tereis que procurar novo patrão. Deus queira que tenhaes sorte!

— Por nossa causa não se preoccupe o senhor — respondeu o mordomo. — Somos todos homens desambiciosos e, além disso, temos nossas economias. Não queremos ser mais criados.

— Alegro-me com isso. Tiraes-me um grande peso de cima.

— Sim, senhor conde... Ainda mais: si o senhor conde não se magoasse, eu me permittiria fazer-lhe uma proposta. Perdôe-me si sou indiscreto. Sei que o senhor conde não tem mais de cinco mil réis para toda a vida. Não, não faça gastos. O senhor conde pensava que eu não sabia... E eu queria propor ao senhor conde... E' claro que terá, no futuro, de prescindir de seu glorioso titulo... Eu queria propôr-lhe que viesse para minha casa... Pouco trabalho, garanto-lhe... E trabalho simples, que o senhor conde poderá fazer muito bem... Quasi nada: entrar diariamente, receber as encommendas; e si houver algum convidado, servir á mesa...

O conde olhou um instante o mordomo. E, de repente, exclamou enthusiasmado:

— Acceito, a c c e i t o encantado, meu querido patrão!

Mas houve um pugilato de offertas: todos os antigos criados tinham suas economias, todos eram homens honrados e tinham sua casa, seu jardim, seu automovel, seus cavallos; todos queriam profunda-

UMA PRUDENTE PRECAUÇÃO DIGESTIVA

Quem está sujeito a indigestões, soffre inutilmente, pois um pouco de Magnesia Bisurada causa um allivio rapido e seguro. As perturbações digestivas têm muitas vezes como origem a hyperchlorhydria ou excesso de acidez; entretanto, a Magnesia Bisurada neutraliza o excesso damninho, impedindo assim os azedumes, pesadumes, eructações acidas, inchação do estomago, e todos os males causados pela fermentação dos alimentos. Tomando a Magnesia Bisurada não se demora a sentir uma prompta melhora; ella opera em poucos instantes e póde ser empregada seguidamente sem que se acostume a seu uso. A Magnesia Bisurada é inoffensiva e facil de tomar, e vende-se em todas as pharmacias.

Leiam o romance do Fon-Fon

A RAINHA DO ARGOT

De Francisco Pansa

mente seu antigo patrão e pretendiam leval-o para seu serviço.

— Tenho uma idéa que, si me permittem, vou expôr a vocês.

— Diga, senhor conde — responderam todos, pela primeira vez de accôrdo.

— Posso servir aos seis. Um dia na semana a cada um. Os senhores tomam nota do dia que lhes corresponde para fazer seus convites, receber suas visitas, fazer suas compras...

A proposta foi acceita unanimemente.

Decorreram alguns annos. O conde, longe de envelhecer com o tempo, está agora mais moço, mais forte, mais arrogante. O trabalho robusteceu-lhe o corpo e o espirito, e agora é feliz, inteiramente feliz, em suas funcções de criado de seus seis senhores. Nada o preoccupa. Os charutos que fuma são os mesmos que fuma seu patrão, aquelle que foi seu mordomo. Si algum dia se embriaga é com champagne da garrafa de seu bom ex-*valet*. Si algumas vezes lhe sorri o amor de uma bella mulher, não ha scena a temer: é a amante loira do ex-cozinheiro, ou a amante morena do ex-*chauffeur*... O conde engordou, suas faces estão coradas de saude, e recorda apenas vagamente o que é uma nevralgia.

Mas uma tarde, a mesma tarde (casualidades extraordinarias da vida, que pareceriam inverosimeis na penna de um escriptor), seis officiaes de justiça irromperam nas seis preciosas casas dos seis patrões do conde; uma secretaria por cada patrão e cada casa, naturalmente. E tudo foi embargado: os immoveis edificados com as economias do honrado trabalho, os elegantes e lindos moveis de gosto esquisito, as conducções interiores...

Os seis senhores cercaram o seu criado, o bom conde.

— Ah! que desgraça! Sentimol-o muito, não só por nós, que teremos que voltar a servir, mas tambem por ti, que sabe Deus que patrão vaes encontrar agora...

— Ora! Não vos preoccupeis por minha causa. Sou um homem de bem, um homem honrado e tenho minhas economias... Muita coisa, aliás!

— Ah, senhor conde, quanto folgamos em sabêl-o! Mas, senhor conde, s. não lhe parece menos respeitosa a pergunta: em tres annos apenas, como poude economizar tanto?

— Não sejaes nescios! Não foram tres annos, mas dezoito. Não tive seis patrões?

Os seis ex-senhores se entreolharam, admirados do talento do senhor conde. E pelo espirito dos seis cruzou um mesmo pensamento, uma proposta identica.

— O senhor já nos conhece e sabe nossas bôas qualidades pelo tempo que tivemos a honra de estar a seu serviço. Permittimo-nos agora elevar-lhe nossa respeitosa supplica de que se digne admittir-nos novamente a seu agradavel serviço...

Mas o conde, com o sorriso beatifico do homem feliz, atalhou:

— Sinto-o muito, rapazes, mas resolvi ir morar num hotel...

A MENINA QUE FOI "MISS"

MOACYR DE MESQUITA

ERAM jovens, ainda em pleno alvorecer da vida. Risos, flôres, phantasias... era assim a vida de ambos.

O tempo foi passando... Comprehensões melhores, sentimentos mais discernidos e a antiga amizade de criança foi tambem passando, para dar lugar ao amôr...

Sonhos, anseios, desejos mutuos... eram assim os seus amores.

Ambições, egoismo, longe viviam daquelles corações apaixonados...

* * *

Mas o tempo passou, levando na poeira da vida, em derrocadas simultaneas, toda a fidelidade daquelle coração feminino. Não era mais um coração de criança. Era um coração de menina que se fazia moça, que se esquecêra das febricitantes juras de amôr...

* * *

Vaidade, desejos futeis, comprehensões tolas de mulher bonita haviam diminuido, naquelle coração, outrora puro, infantil, toda a fertilidade daquelle innocente amôr.

* * *

Influencias do meio, sociedade, tudo de ruim se havia infiltrado naquelle coração de menina timida...

E ella, como toda a mulher futil, agora, desejou ser *Miss*...

Si fôsse *Miss*, todos os homens se prostrariam a seus pés e renderiam homenagem á sua belleza. Ella seria, embora passageiramente, rainha de uma legião de rapazes modernos...

* * *

E aquella menina simples, modesta, humilde, de outros tempos, foi eleita a mais bella dentre as mais bellas da cidade.

Festas, tolas honrarias sociaes foram, para o seu cerebrosinho de menina tornada futil, os meios mais seguros que conseguiram extinguir, tornar em cinzas todo o seu primeiro amôr não bem alicerçado...

A felicidade passa... o soffrimento nem sempre...

* * *

Desillusões, desenganos, ajuizamento melhor das falhas honrarias... do, agora, perpassava [illegible] quella cabeça doidivanas. Todas as gentilezas, todo aquelle cascatear mento de palavras apaixonadas, outrora dictas ao som de um tango, pingavam no seu cerebro como a gotta da chuva no fundo de uma lata enferrujada...

* * *

O regresso da concepção á realidade, muitas vezes, repleto de arrependimento. Este, muitas vezes, tambem chega tardio...

* * *

Talvez, quem sabe, um coração sincero ainda palpitasse por ella... agora, arrependida, [illegible] car a felicidade que lhe fugira. Talvez que o seu arrependimento não [illegible] se em vão...

* * *

"Eu nunca mais quero ser "Miss" em minha vida"...

Duas lagrimas, [illegible] mente, serpentearam sobre as suas faces...

* * *

.... E um beijo longo unia aquellas duas [illegible] cas, unindo ainda aquellas duas almas que se comprehendiam e começavam, novamente, um amôr sincero e interessado apenas na felicidade que ella só comprehendia...

A troupe de equilibristas "Os quatro azes" lubrifica o motor do seu carro...

KOLYNOS
CREME DENTAL
Dentes sadios—
Saúde radiante
KOLYNOS
CREME DENTAL